

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado



Ozivan Perdigão Santos

**Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras
como processo de retextualização**

**Belém
2012**

Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização

OZIVAN PERDIGÃO SANTOS

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará.

Linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof^ª. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Co-orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

**Belém
2012**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca do Centro de Ciências Sociais e Educação da UEPA

Santos, Ozivan Perdigão

Sinalização de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização. / Ozivan Perdigão Santos. Belém, 2012.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

Orientador: Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Co-orientador: José Anchieta de Oliveira Bentes

1. Educação especial. 2. Língua Brasileira de Sinais. 3. Surdos – Educação. I. Silva, Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da (Orientador). II. Bentes, José Anchieta de Oliveira (Co-orientador). III. Título.

CDD: 21 ed. 371.9

Ozivan Perdigão Santos

Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará.

Área de concentração: Educação.

Linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Prof^a. Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva.

Co-orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Data da aprovação: 25/10/2012

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora

Prof^a. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva

Dr. em Semiótica e Linguística - USP/SP

Universidade do Estado do Pará

_____ Co- Orientador

Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Dr. em Educação Especial – UFSCar/SP

Universidade do Estado do Pará

_____ Examinadora

Prof^a. Ivanilde Apoluceno de Oliveira

Dr^a. em Educação Currículo – PUC/SP UNAM/UAM Iztapalapa México

Universidade do Estado do Pará

_____ Examinador

Prof. Thomas Massao Fairchild

Dr. em Educação – USP/SP

Universidade Federal do Pará

O tradutor é um "traidor"
(Roman Jakobson, 1975)

*A minha mãe, Sônia Helena Perdigão Santos
(póstuma) e ao meu pai Oziel Silva Santos por me
tornarem um ser de reflexão.*

*A minha avó materna, Oswaldina dos Santos Perdigão
(minha segunda mãe) por sua atenção e carinho.*

AGRADECIMENTOS

Á Deus todo poderoso que me concedeu forças e persistência que possibilitaram a concretude deste trabalho.

Aos meus pais Oziel Silva Santos e Sônia Helena Perdigão Santos (póstuma) por me tornarem um ser reflexão.

À minha segunda mãe Osvaldina dos Santos Perdigão por ser minha escudeira na jornada de minha vida pessoal e acadêmica.

Às minhas tias Vera Lucia Santos e Elizabeth dos Santos Araújo por suas ajudas em orações para finalização e defesa deste trabalho.

Aos meus orientadores, professora Dr. Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva e professor Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes, que me proporcionaram as devidas orientações e investigações para o desenvolvimento deste trabalho.

À Prof^a Dr. Denise Simões por sua postura dialógica, complacente e companheira durante as ministrações das aulas no PPGED/UEPA. Uma memória que ficará em minha trajetória acadêmica.

À Prof^a Dr. Ivanilde Apoluceno de Oliveira por ser uma chave e reflexão nas pesquisas de Educação de Surdos que iniciou em minha graduação desembocando neste trabalho.

À Universidade do Estado do Pará e o CAPES pela possibilidade de construção de conhecimento durante o curso de pós-graduação *scritu-sensu* em nível de Mestrado em Educação.

Aos profissionais intérpretes de Libras e ao professor Cleber Couto por prestarem atenção voluntária para atuarem como participantes deste trabalho.

Aos meus amigos que admiram meu trabalho e minha trajetória acadêmica em especial Ana Maria de Carvalho, Ana Lopes, Camile Pereira, Daniel Lucas Noronha, Dimael Azevedo, Jamile Pereira, Léo Tarcisio de Moraes, Marilene Marques, Maurício Carneiro, Moema Alves, Rosana Pinto, Rosa Diniz, Silvio Santiago Vieira, Walber Christiano da Costa.

Aos casais e meus irmãos em Cristo: David e Brena Richer, Thiago e Maeny Marialva, Marcio e Diana Castro e Claudio e Ingrid Bezerra por suas orientações em minha vida espiritual.

Aos meus “pais” e “mães” em Libras Arlindo de Paula, Fernando Negrão, Waldiria Fonseca e Sônia Rocha.

A minha turma de mestrado que me proporcionou o trabalho em equipe com companheirismo e conhecimento.

Aos meus colegas de trabalho do setor de inclusão das Faculdades Integradas Ipiranga.

E, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho.

Meu muito obrigado.

SANTOS, Ozivan Perdigão. **Sinalização de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização**. 2012, 90 fls. Dissertação em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará, Ozivan Perdigão Santos. Belém, 2012.

RESUMO

SINALIZAÇÕES DE UM PROFESSOR SURDO: A INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS COMO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO

O processo de interpretação de Língua Brasileira de Sinais (Libras) para Língua Portuguesa é um objeto pouco investigado pelas Ciências da Educação no Brasil. Esta pesquisa é de análise textual e discursiva direcionada aos Estudos de Tradução tendo como objetivo analisar o processo de traslado de Libras para a Língua Portuguesa oral de uma narrativa em vídeo, propiciando reflexões acerca das definições teóricas sobre o ato de interpretar um texto/discurso de um professor surdo. Para sistematização e análise do *corpus* coletado utilizou-se as seguintes categorias de análises: a escolha da pessoa do discurso, a reordenação sintática, as substituições, eliminações, acréscimos e efeitos de sentidos. Considerando isto, os principais pressupostos teóricos foram às definições de: retextualização (MARCUSCHI, 2001), interpretação como retextualização (TRAVAGLIA, 2003), análise discursiva (ORLANDI, 2005; 2006), efeitos de sentidos e formação discursiva (PÊCHEUX, 2008), Tradução literal de Libras (FERREIRA-BRITO, 1995; 1997). Os sujeitos participantes deste estudo foram seis intérpretes de Libras e um professor surdo que atua em prática docente de Libras. A partir da ação interpretativa elencou-se o seguinte problema de investigação: Que procedimentos ou mudanças semântico-lexicais e discursivas ocorrem no processo de retextualização da narrativa filmada em Libras para voz gravada em Língua Portuguesa? Os resultados indicam que na ação interpretativa, o profissional deve evitar substituições, eliminações, acréscimos e o uso de vocábulos rebuscados em demasia, provocando efeitos de sentidos contrários no processo interpretativo. Faz-se reflexões a respeito do intérprete educacional de Libras no Brasil, contribuindo para que novos pesquisadores deste campo científico possam se interessar e trazer novos resultados para a academia.

Palavras-chave: Interpretação; Libras; Prática docente de libras; Retextualização; Efeitos de sentidos.

SANTOS, Ozivan Perdigão. **Sinalização de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização.** 2012, 90 fls. Dissertação em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Estado do Pará Ozivan Perdigão Santos. Belém, 2012.

ABSTRACT

SIGNALIZING OF A DEAF TEACHER: THE INTERPRETING LIBRAS AS PROCESS OF RETEXTUALIZATION

The process of interpreting from Brazilian Sign Language (Libras) into Portuguese is not largely investigated by Educational Sciences in Brazil. This research is a textual and discourse analysis focusing on Translation Studies, and aims to analyze the transfer process from Libras into spoken Portuguese of a narrative recorded on video, providing reflections on the theoretical definitions about the act of interpreting the text / speech of a deaf professor. To systematize and analyze the collected corpus, the categories of analysis used were: choice of the person of speech, syntactic reordering, substitutions, deletions, additions and meaning effects. Considering this, the main theoretical assumptions were the following definitions: retextualization (MARCUSCHI, 2001), interpreting as retextualization (TRAVAGLIA, 2003), discourse analysis (ORLANDI, 2005; 2006), meaning effects and discursive formation (PECHEUX, 2008), literal translation of Libras (FERREIRA-BRITO, 1995; 1997). The participants of this study were six interpreters of Libras and a deaf professor in function teaching practice of Libras. Based on the interpretative act, the following research problem was: Which procedures or lexical-semantic and discursive changes occur during the retextualization process of the narrative filmed in Libras into recorded voice in Portuguese? The results indicate that when interpreting, the professional must avoid substitutions, eliminations, additions and use of extensively convoluted words, causing opposite meaning effects in the interpreting process. We reflect about the educational interpreter of Libras in Brazil, so that new researchers in this scientific field may feel interested and bring new results to the academy.

Keywords: Interpreting; Libras; Teaching practice in libras; Retextualization; Meaning effects.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distinções entre tradução e interpretação	23
Quadro 2: Distinções entre Línguas de Sinais e Línguas orais	29
Diagrama 1: Processos de retextualização da Libras para a Língua Portuguesa	41
Diagrama 2: Processos de interpretação para retextualização	42
Quadro 3: Análises discursivas	61

LISTA DE GRAVURAS

Gravura 1: sinal GINÁSTICA	49
Gravura 2: sinal CULTO	54
Gravura 3: sinal CONGRESSO	54
Gravura 4: Classificador B	57
Gravura 5: sinal ORALIZAR	62

LISTA DE SIGLAS

FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
MEC	Ministério de Educação e Cultura
PROLIBRAS	Proficiência em Língua Brasileira de Sinais
UEPA	Universidade do Estado do Pará
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
SEÇÃO I	19
ASPECTOS CONCEITUAIS DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO	19
1.1 TRADUÇÃO INTRALINGUAL, INTERLINGUAL E INTERSEMIÓTICA	19
1.2 A DIFERENÇA ENTRE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO	20
1.3 COMPETÊNCIAS DO INTÉRPRETE DE LIBRAS	23
1.4 DEFINIÇÕES ACERCA DA TRANSCRIÇÃO E DA RETEXTUALIZAÇÃO	27
SEÇÃO II	33
A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	33
2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA	33
2.2 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	34
2.2.1 A submissão ao Comitê de Ética e elaboração do TCLE	35
2.2.2 A escolha dos profissionais	35
2.2.3 Os dados para análise	37
2.3 O ESTUDO DA <i>CORPORA</i>	39
SEÇÃO III	48
ANÁLISES TEXTUAIS-DISCURSIVAS DO SINAL PARA VOZ: CONSEQUÊNCIAS PARA SALA DE AULA	48
3.1 A ANÁLISE DA RETEXTUALIZAÇÃO	48
3.1.1 A escolha da pessoa do discurso	48
3.1.2 A reordenação sintática	50
3.1.3 Substituições lexicais	53
3.1.4 Eliminações de léxicos	54
3.1.5 Acréscimos de léxicos	56
3.1.6 A análise dos efeitos de sentidos	58
3.2 O DISCURSO SOBRE ORALISMO	62
3.3 AS CONSEQUÊNCIAS PARA SALA DE AULA	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICES	78
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

Esta investigação teve origem em minhas aprendizagens¹ como intérprete de Língua Brasileira de Sinais (Libras) na comunidade de surdos em Belém do Pará. Aprendizagens que adquiri há dez anos e que se originaram quando tinha apenas dezesseis anos de idade, quando atuava voluntariamente na área de tradução e interpretação de Libras em uma comunidade evangélica entre os anos de 2002 a 2008. Esta instituição, a Igreja Assembléia de Deus, até hoje possui voluntários que trabalham com a interpretação do Evangelho para pessoas surdas.

Ressalto que em meio à atuação voluntária nas interpretações de Libras, trabalhei também como intérprete televisivo entre os anos de 2003 a 2005 em um programa chamado “Boas Novas no Lar” pertencente à mesma igreja citada anteriormente.

À medida que participava das atividades na comunidade surda, tive a oportunidade de ter novos entendimentos sobre os mecanismos de tradução e de interpretação de Libras para Língua Portuguesa e vice-versa. Observei que não são técnicas fáceis de serem utilizadas, mas que são fundamentais para transmissões de informações da cultura de uma comunidade de fala para outra cultura, no caso uma que se comunica por meio de sinais feitos pelas mãos e outra que se comunica predominantemente pela linguagem oral. Esses mecanismos de traslados da língua oral para a língua de sinais ocorrem por meio de expressões faciais, movimentos e configurações de mãos, constituindo-se em sinais que são signos organizados capazes de transmitir quaisquer intencionalidades e conceitos abstratos.

Academicamente, minha trajetória com a Libras teve sua origem ainda quando cursava a graduação em Ciências da Religião na Universidade do Estado do Pará (UEPA), quando investiguei em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) os “sinais bíblicos” utilizados em três comunidades religiosas que trabalham com pessoas surdas. O título do TCC defendido por mim, em 2006, foi “Evangelização Inclusiva em Instituições Cristãs: o uso de Libras” (SANTOS, 2006). Neste trabalho tive embasamentos nas filosofias rousseauianas em virtude de Jean Jacques Rousseau ser precursor dos estudos dos “gestos miméticos” como meios de

¹ Nesta introdução utilizo a primeira pessoa do discurso para melhor explicitar a minha subjetividade.

comunicação, o que influenciou De l'Eppé e os surdos a formalizar sinais para se comunicar nas ruas de Paris em 1750 (SACKS, 1998).

Enquanto cursava a licenciatura em Ciências da Religião de 2003 a 2006 obtive a informação que uma escola pública ministrava cursos de Libras gratuitamente. Esta instituição é a Unidade de Educação Especializada “Professor Astério de Campos”, localizada na Avenida Almirante Barroso, no Bairro do Souza, onde iniciei um curso livre de Libras no ano de 2004. Minha professora foi a surda Ana Cristina Chaves Neves.

No ano de 2007, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com o Ministério da Educação (MEC) realizou a segunda edição do exame de proficiência em Libras, a primeira edição ocorreu em 2006, a referida prova denomina-se PROLIBRAS que traz quatro certificações: a) para instrutores de Libras no nível médio; b) para instrutores de Libras no nível superior; c) para intérpretes de Libras no nível médio; d) para intérpretes de Libras no nível superior. Minha escolha foi para ser instrutor de Libras no nível superior obtendo a certificação de proficiência do MEC no mesmo ano.

A propósito, o exame de proficiência em Libras foi instituído pelo Decreto 5.626/2005 para superar a ausência de instrutores ou professores e intérpretes de Libras nas instituições de ensino superior, nos níveis de magistérios e na educação profissional (BRASIL, 2005). As instituições precisavam implementar a Libras como disciplina, como não havia profissionais, para ministrar as aulas, o MEC instituiu uma certificação que autorizava que os professores que passassem no exame, a atuar como professores e intérpretes e assim, viabilizar o uso e o ensino de Libras, efetivando o cumprimento da Lei e do Decreto. Esse exame recebeu o nome de PROLIBRAS.

Mediante essa situação de realização do exame foi instituído de 2005 a 2015, por dez anos, até que cursos de graduação a níveis de licenciatura e bacharelado fossem capazes de formar profissionais de Libras.

Ainda em 2007, uma intérprete de Libras, que atuava em uma instituição de nível superior em Ananindeua, convidou-me para substituí-la. Com esse convite, iniciei a atuação como **intérprete educacional de Libras**, denominação utilizada para quem trabalha a Libras no âmbito escolar.

Com essa atuação, iniciei minha trajetória como professor pesquisador, e aprofundei-me mais nos estudos acerca da gramática de Libras e suas constituições

linguísticas junto aos sinais regionais paraenses, pois como afirma Ronice Müller de Quadros: “Além do domínio das línguas envolvidas no processo de tradução e interpretação, o profissional precisa ter qualificação específica para atuar como tal” (BRASIL, 2007, p. 28). Partindo dessa trajetória, comecei a entender que o tradutor/intérprete de Libras deve conhecer a cultura local em que os surdos estão inseridos.

É neste contexto que me aprofundei mais para a atuação em traduzir e interpretar. No caso do intérprete educacional, o trabalho requer o conhecimento gramatical e discursivo nas duas línguas, além dos conhecimentos de conteúdos os mais diversos, uma vez que se está em sala de aula.

Mediante a estas experiências que obtinha com mais intensidade em relação à interpretação de Libras, refletia em Masutti; Santos (2008, p. 166) quando explicam a respeito desse processo que “Ainda não há empatia e nem implicação suficiente da sociedade para perceber a posição tensa dos intérpretes de Língua de Sinais em situações de interpretação simultânea”.

Conforme as autoras as ausências de empatias em relação aos intérpretes se dá em virtude pela falta de conscientização e o mau entendimento da postura funcional desses profissionais. Outro fator é em virtude das inexistências de práticas que obedeçam as Leis e políticas advindas das esferas governamentais em favor dos intérpretes de Libras.

Dando continuidade em minha trajetória acadêmica e a Libras, dois episódios importantes em minha vida aconteceram em 2008. O primeiro deles foi um convite para atuar como intérprete de Libras nas Faculdades Integradas Ipiranga que mantém um programa de acesso e permanência no Ensino Superior às pessoas com necessidades educacionais especiais. O segundo foi minha aprovação para a turma de bacharelado em Letras/Libras em nível de educação a distância semi-presencial. Tal curso ocorreu em função de uma parceria entre a UEPA e UFSC. Faço a observação que nesse mesmo ano de 2012 finalizei o bacharelado em Letras/Libras com o TCC intitulado “Tradução comentada em Língua Brasileira de Sinais: análises tradutórias em Reis (2007) e Masutti; Santos (2008)” (SANTOS, 2012).

A partir disso, avancei nas pesquisas do campo dos Estudos de Tradução. Foi então que fiz um curso de pós-graduação *lato senso* em Técnicas de Tradução e Interpretação de Libras entre os anos de 2009 a 2010, do qual originou a monografia

intitulada: “A Libras e a educação de surdos no contexto regional e o Sociolinguísmo” (SANTOS, 2010). Este referido curso foi realizado na instituição citada anteriormente, a qual fui convidado para atuar como intérprete de Libras desde 2008. Na referida monografia, busquei me embasar nos seguintes autores: Bagno (2004), Lucchesi (2001), Quadros; Pizzio; Rezende (2009) entre outros.

Na conclusão da monografia observei a necessidade de haver mais estudos de Sociolinguística relacionados a Libras e as dificuldades dos intérpretes em internalizar as variações dos sinais do Pará, a exemplo: sinais de verbos e adjetivos. Tais situações descritas acontecem em virtude das perdas existentes na memória interpretativa dos intérpretes de Libras quando estão atuando. Lamentavelmente, conforme os depoimentos dos professores participantes da pesquisa, observei o descaso da secretaria de educação para com a Educação de Surdos e a variação de Libras no contexto da cultura paraense (cf. SANTOS, 2010).

Continuei atuando como intérprete de Libras nessa instituição particular até o ano de 2010, quando obtive o diploma de especialista em tradução e interpretação de Libras e minha aprovação no mestrado. No mesmo ano o governo federal reconhecia o profissional intérprete de Libras instituindo a Lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010 (BRASIL, 2010).

Como havia descrito, em 2010, realizei a seleção para o Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE/UEPA com o mesmo objeto de estudo acerca de Libras, suas variações linguísticas e o profissional tradutor/intérprete na educação de surdos. Esta temática estava em mente, por que me identifiquei muito em pesquisar a cultura amazônica e de como a Libras sofre influências advindas do imaginário desta região.

O principal argumento para o projeto de pesquisa de mestrado foi o entendimento que as práticas de uso das línguas em um contexto social se manifestam por meio de relações sócio-culturais e artísticas de seus usuários, e no caso, a Libras também é signatária de uma comunidade de fala, amazônica, necessitando que seus direitos linguísticos sejam respeitados.

Com a classificação para o Programa de Pós-graduação em Educação, a investigação sobre o profissional intérprete de Libras tomava novas nuances, pois agora não iria somente abordar a pessoa do intérprete de Libras no contexto educacional, mas os aspectos dos Estudos de Tradução e a Educação enfocando os

processos de traslado de Libras para Língua Portuguesa oral como uma atitude de retextualização.

Mediante o exposto, em relação ao processo de interpretação de Libras para Língua Portuguesa oral, elenco o seguinte problema de investigação: Que procedimentos ou mudanças semântico-lexicais e discursivas ocorrem no processo de retextualização da narrativa filmada em Libras para a voz gravada em Língua Portuguesa? Seguinte a esta pergunta outras questões emergem, tais como: Qual a relação entre a língua-fonte e a língua-alvo? Quais os processos que os intérpretes de Libras utilizam para retextualizar um texto? Que efeitos no discurso podem ser deduzidos nas variedades de fala emitidas pelos intérpretes de Libras nos processos interpretativos?

Diante dessas questões, o objetivo principal desta pesquisa consiste em analisar o processo de traslado de Libras para a Língua Portuguesa oral de uma narrativa em vídeo, propiciando reflexões acerca das definições teóricas sobre o ato de interpretar um texto/discurso. Além disso, busca-se também estudar as seguintes especificidades: caracterizar de que forma acontece o processo interpretativo de Libras para a Língua Portuguesa oral e suas possíveis constituições semântico/lexicais; listar as operações linguísticas e discursivas realizadas pelos intérpretes; e, identificar os processos de transformação do uso e escolha vocabular que podem estar influenciando o processo de interpretação.

Em meio a estas especificidades pontuo que um dos propósitos de minha investigação é realizar uma análise textual e discursiva das ações de traslados de Libras para a Língua Portuguesa oral.

Outro propósito é formular pistas do que é considerado como uma interpretação aceitável de Libras para a Língua Portuguesa oral. Visto que a aceitabilidade vai depender da esfera de comunicação, da situação, dos objetivos e da formação dos indivíduos. Estes elementos constituem a formação discursiva advinda de um contexto histórico-social (PÊCHEUX, 2008).

Finalmente, para fins de apresentação a dissertação terá a seguinte organização:

Na seção I, elenco os aspectos conceituais da tradução e da interpretação, direcionando as possíveis diferenças desses dois processos que são alvos de discussões nos Estudos de Tradução. Tomo por base autores que pesquisam a interpretação e a tradução entre as línguas orais-auditivas, com destaque para as

formulações propostas por Aubert (1993; 2003), Guerini (2008), Jakobson (1975), Oustinoff (2011) e Rónai (1987) e os que pesquisam línguas de sinais e seus processos de interpretação, entre esses: Vasconcelos; Bartholamei Junior (2008); Lacerda (2009), Pires; Nobre (2004) e Quadros; Karnopp (2004). Elenco também neste capítulo as definições das atitudes processuais da retextualização trazendo análises dos modelos de operações propostas por Marcuschi (2001), as considerações sobre a transcrição em Flôres; Silva (2005) e a tradução sob o olhar da retextualização em Travaglia (2003).

Na seção II detenho-me nas análises realizadas em relação aos estudos do *corpus* desta investigação. Esse capítulo, trata de um pequeno apanhado histórico do surgimento dos Estudos de Tradução no ocidente em Aubert (2003) e no Brasil por Rónai (1987). Ainda neste capítulo é explicitado os procedimentos da pesquisa e o estudo da *corpora* junto as propostas de Transcrição literal da Libras para a Língua Portuguesa escrita a partir dos modelos de Ferreira-Brito (1997) e Quadros; Karnopp (2004). A Língua Portuguesa oral foi transcrita do oral para a escrita, partindo das regras sugeridas por Flores; Silva (2005).

E por fim na seção III faço análises das interpretações emitidas pelos participantes deste estudo e as consequências do intérprete de Libras educacional na sala de aula. Esses recursos tiveram bases nas categorias descritas nesta pesquisa em relação à interpretação como processo de retextualização, a saber: a escolha da pessoa do discurso, a reordenação sintática, as substituições lexicais, as eliminações de léxicos e os acréscimos de léxicos. Introduzi a estas categorias: a análise dos efeitos de sentidos e o discurso do processo educação de surdos denominado de Oralismo. Para este capítulo toma-se base nos efeitos de sentidos de Pêcheux (2008).

SEÇÃO I

ASPECTOS CONCEITUAIS DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO

1.1 A TRADUÇÃO INTRALINGUAL, INTERLINGUAL E INTERSEMIÓTICA

Segundo Jakobson (1975, p. 64-65) a tradução está categorizada nas seguintes espécies:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewor-ding*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.
- 2) A tradução interlingual ou *tradução propriamente dita* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou *transmutação* consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

A **tradução intralingual** é realizada quando se faz paráfrases tradutórias dentro de uma mesma língua. Exemplo: a retextualização de uma entrevista oral para uma entrevista escrita. A **tradução interlingual** é realizada entre línguas diferentes. Por exemplo: do japonês, língua-fonte, para o inglês, língua-alvo. E a **tradução intersemiótica** é realizada por meio da transmutação de signos. No exemplo de Jakobson (1975) tem-se da arte verbal para a música, ou para a dança, ou para o cinema, ou para a pintura.

No caso de Libras para Língua Portuguesa, tem-se duas espécies de tradução, a interlingual e a intersemiótica. É interlingual por que se trata de duas línguas diferentes e é intersemiótica por se tratar de duas modalidades de línguas: uma oral-auditiva e outra visual-espacial, apesar de não considerar que as Línguas de Sinais são signos não-verbais.

Uma proposta de reformulação da classificação de Jakobson (1975), para considerar a língua de sinais é a seguinte:

1) A **tradução e a interpretação intralingual** ou **retextualização** consiste no processamento de transcrever textos orais ou sinalizados para uma produção escrita, na mesma língua.

2) A **interpretação interlingual** consiste na interpretação da língua de sinais para línguas orais-auditivas ou vice-versa; de línguas de sinais distintas entre si, a exemplo: interpretação de Libras para *American Sign Language* (ASL) ou vice-versa;

ou entre línguas orais. Se ocorrer processamento de escrita entre duas línguas distintas, a denominação passa a ser **tradução interlingual**.

3) A **interpretação** e a **tradução intersemiótica** ou **transmutação de modalidades de língua** consiste na interpretação dos signos orais-auditivos para signos visuais-espaciais, além de outras possibilidades de transmutações de signos verbais que passa a ocorrer entre diferentes linguagens da arte para as modalidades de línguas.

Mediante a esses debates sobre as definições de tradução, Guerini (2008) ratifica que as questões de traduzir vão além do que apenas confrontar-se com aspectos de estruturas linguísticas, cuja ação pode desembocar para com a arte, uma tradução intersemiótica, ou seja, para uma tradução de signos, que trabalha a adaptação de textos verbais-escritos. Exemplos disso são adaptações para o teatro, o cinema, a linguagem de vídeo, as histórias em quadrinhos, ou para o poema quando musicado. Conforme Guerini (2008, p. 5) esse tipo de tradução é “[...] olhado com suspeição maior do que a que costuma haver contra a tradução verbal, atraindo cada vez mais interesses dos pesquisadores”.

A seguir faz-se distinção entre tradução e interpretação.

1.2 A DIFERENÇA ENTRE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Tradução e interpretação não são termos que designam o mesmo processo. Esses termos expressam condições distintas em suas atitudes de passar um texto de uma língua para outra, de uma língua-fonte para uma língua-alvo.

Neuza Travaglia (2003, p. 43) aponta que:

[...] a **tradução** é considerada antes de tudo como ‘transposição’, ‘transferência’, ‘traslado’ de conteúdos, de ideias, de mensagem, de valores intelectuais e estéticos, de sentidos e de conceitos de uma língua para a outra (ênfase adicionada).

A interpretação também exige uma equivalência de conteúdos, de ideias, de mensagem, de valores intelectuais e estéticos, de sentidos e de conceitos na significação. A distinção entre tradução não está nesses aspectos.

A distinção está na modalidade em que as línguas se apresentam, oral ou escrita. A **tradução** é um processo de traslado que ocorre entre modalidades de

duas línguas: do escrito para o escrito, e do oral para o escrito tratando-se de Línguas Orais-Auditivas (LOA).

Escolheu-se o termo língua oral-auditiva para designar, por exemplo, as línguas: portuguesa, francesa, alemã, árabe, inglesa entre outras, que utilizam o aparelho fonador para a articulação dos sons vocálicos e consonantais, sabendo que estas possuem modalidades orais e escritas – e língua visual-espacial para designar línguas que não utilizam o aparelho fonador para emissão de fonemas. É o caso da Libras, da Língua de Sinais Urubu-Kaapor (LSUK), da *Lengua de Señas Chilena* (LSC), da ASL e da *Langue de Signe Française* (LSF).

As línguas de sinais possuem duas modalidades, a visual-espacial e a escrita. No caso da escrita, já existem pesquisas que defendem que os sinais podem ser transcritos utilizando a Língua de Sinais Escrita (LSE) ou *Sign Writing* como esclarecem Stumpf (2004), Stumpf (2008) e Silva (2009).

Diante dessas discussões a respeito da tradução e interpretação em línguas visuais-espaciais ou em línguas orais-auditivas, Oustinoff (2011, p. 69) elucida que:

As traduções são versões, na plena acepção do termo, da obra de que elas derivam, com o original sendo apenas uma versão, claramente primordial, entre outras, opinião desenvolvida por Borges em 'Las versiones homéricas'. Meschonnic fala de 'tradução-texto': da mesma maneira que existe uma crítica de textos, deve haver também uma crítica das traduções.

É preciso considerar que passar de Libras (modalidade visual-espacial) para a Língua Portuguesa (modalidade escrita) é um processo de tradução. Quadros; Karnopp (2004, p. 37) explicam como ocorre o processo de tradução de Libras em suas pesquisas:

[...] optou-se em utilizar glosas com palavras do português nas transcrições, tornando o trabalho ainda mais complexo. Cuidou-se da tradução no momento da transcrição, ou seja, foram escolhidas palavras do português que se aproximassem mais do sentido expresso através do sinal e foram utilizados outros recursos gráficos para garantir a lembrança mais próxima do que se estava ilustrando através da foto.

No processo de tradução de Quadros; Karnopp (2004), utilizou-se o conceito de transcrição no sentido de manter fiel à sinalização realizada por uma pessoa surda. Volta-se a essa discussão no item 1.4 quando dá definições de transcrição e retextualização.

No contraponto, **interpretação** é uma ação de passar de um texto oral ou em sinais para outro texto oral ou vice-versa, de um texto oral para um texto em sinais.

Não há presença da modalidade escrita. No caso deste trabalho, de uma Língua de Sinais (LS) para uma Língua Oral-Auditiva (LOA), ou vice versa, cabendo ao intérprete realizar essa tarefa.

Segundo Ronice Quadros (BRASIL, 2007), no que diz respeito à presença do profissional intérprete de Libras diz-se **interpretação em Libras**, pois o profissional está realizando transposições simultaneamente ou consecutivamente de uma língua-fonte (língua oral-auditiva) para uma língua alvo (língua visual-espacial ou língua oral-auditiva).

Aubert (1993) explica que no caso de textos escritos, o tradutor dispõe de tempo e de instrumentos que permite ter acessos a glossários, dicionários, contato com outros tradutores, notas de rodapé e outros recursos para exercer com mais tempo a execução dessa ação. Para Rónai (1987), a **ação interpretativa**, isto é, o ato em que o intérprete realiza o traslado de uma língua-fonte para uma língua-alvo, o que exige rapidez, raciocínio e ações de emergência para que não perca tempo.

Aubert (2003) define que **traduzir** é uma prática independente, isolável. É um tipo de ato da linguagem que está praticado em várias situações-limites possíveis, a exemplo: a poesia, pois traduzir envolve múltiplas dimensões linguísticas e discursivas, estéticas, antropológicas, políticas, ideológicas, históricas, econômicas, psicossociais e assim por diante.

Segundo Travaglia (2003) a tradução perpassa por discursos que sofrem algum tipo de “modificação”, mas que não podem fugir de seu sentido original, em sua mensagem/essência do que se desejam falar ou emitir. Neste sentido, a interpretação e a tradução promovem novos achados que podem gerar um “novo texto”, que apresentam naturezas construídas com elementos da língua-fonte e da língua-alvo. Porém o sentido é o cunho central de uma determinada mensagem traduzida (TRAVAGLIA, 2003).

Mediante isto Aubert (1993, p. 32) aponta que:

O que distingue a relação entre original e tradução da relação entre dois textos/discursos díspares é sua vinculação por meio de uma equivalência de mensagem, de intenção comunicativa, total ou mesmo parcial. Não se trata, nem seria o caso, de uma mesma mensagem: são duas as mensagens, como são duas as ‘roupagens’ linguísticas, mas visando fins comunicativos similares que se aproximam o suficiente (sem se confundirem) para que um seja percebido como a tradução – a equivalência – da outra.

Então, pode se dizer que a interpretação de Libras para a Língua Portuguesa provoca uma nova visão textual ou um novo texto? É fato que isto é considerado uma realidade, pois no nível de uma interpretação interlingual, quer seja entre línguas orais-auditivas ou de línguas orais-auditivas para línguas visuais-espaciais, não há comumente uma equivalência completa entre as suas unidades de códigos, mas uma relação entre a originalidade existente na língua-fonte e a nova construção de um novo texto na língua-alvo.

Para Jakobson (1975, p. 64): “o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes”. Frente isto salienta-se que para a constituição de um “novo texto” interpretado é necessário focar o sentido e a codificação, pois eles é que norteiam a elaboração de um novo elemento textual trasladado de uma língua-fonte para uma língua-alvo.

Entende-se então que para os Estudos de Tradução a interpretação de Libras é observada também como uma questão de escolha, constituindo-se de teorias, práticas e técnicas, entendendo que a **interpretação** é uma possível retextualização embasada de um texto-fonte de natureza sinalizada ou oral para outra língua, com natureza oral ou sinalizada.

O quadro 1 sumariza a distinção entre tradução e a interpretação.

Quadro 1: Distinções entre tradução e interpretação

Definições	Tradução	Interpretação
Modalidades	LOA-LOA: Escrita → Escrita; Oral → Escrito LOA-LS: Escrita → Sinais	LS → LOA LOA → LS
Ocorrências	Exige um período longo de traslado da língua fonte para língua alvo.	Simultânea e consecutiva No tempo de enunciação

Fonte: elaboração própria

1.3 COMPETÊNCIAS DO INTÉRPRETE DE LIBRAS

O documento do Ministério da Educação e da Cultura (MEC) intitulado: “O Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa” estabelece orientações ao trabalho do profissional, para que não ocorra, a mudança de sentido, pois um dos

papeis mais importantes do intérprete de língua de sinais é “[...] ter domínio dos processos, dos modelos, das estratégias e técnicas de tradução e interpretação” (BRASIL, 2007, p. 28).

Perante isto, Santos (2010) analisa que o processo de interpretação em Libras é uma ação de conhecimentos de aspectos macroculturais em que a língua de sinais brasileira está inserida. É uma prática que exige também conhecimentos sociolinguísticos para com a variação de cada localidade em que a pessoa do intérprete de Libras se encontra, quer seja interpretando em **voz/sinal** ou **sinal/voz**. Esses termos designam o seguinte processo: voz/sinal – interpretação de uma língua oral-auditiva para uma língua visual-espacial; e sinal/voz – interpretação de uma língua visual-espacial para uma língua oral-auditiva.

Ainda sobre essa discussão, os processos de interpretação do sinal/voz e voz/sinal são considerados peculiares e que todo intérprete de Libras deve apresentar capacidade linguística para que no momento de seu trabalho esse profissional não comprometa a estrutura de uma das línguas envolvidas (BRASIL, 2007).

Tomando como base isto, o ato de interpretar ou traduzir de uma língua sinais para uma língua oral-auditiva é uma responsabilidade que requer autonomia e anos de capacitações que busquem um melhor conhecimento linguístico das línguas envolvidas nos traslados.

Pires; Nobre (2004) apontam que a atuação dos processos interpretativos requer estudos constantes, muitas leituras e muitas práticas, quer em línguas orais-auditivas, quer em línguas visuais-espaciais.

Para Travaglia (2003) um dos papeis principais da tradução e da interpretação é manter objetivos, mesmo que haja em muitos casos eliminações ou situações de dúvidas ou equívocos em como escolher o léxico que mais se aproxime do contexto original. É nessa complexidade que o profissional tradutor/intérprete deve buscar fontes de pesquisas e em muitos momentos se auto-avaliar ou pedir ajuda de profissionais da área em que atua. Também é necessário conhecer as terminologias científicas utilizadas em sua atuação como profissional.

Assim, o profissional tradutor/intérprete de língua de sinais ou línguas orais-auditivas deve conhecer e saber diferenciar os conceitos de tradução e interpretação, bem como as definições língua oral-auditiva, a língua-fonte e língua alvo. A língua-fonte, por exemplo, a Língua Portuguesa ou a Libras, que se constitui

na língua em que o intérprete ouve ou vê para, a partir dela, fazer a tradução ou a interpretação para outra língua (língua-alvo), na qual será feita a interpretação (BRASIL, 2007).

Outro ponto a ser esclarecido é que o tradutor/intérprete deve saber diferenciar os tipos de tradução.

Vasconcelos; Bartholomei Junior (2008, p. 14-15) salientam que para a atuação da interpretação e da tradução, são necessárias duas competências postas a seguir:

[...] **competência linguística** diz respeito ao domínio dos códigos linguísticos que estão em contato no ato tradutório, incluindo entendimento, por parte do tradutor/intérprete, de questões ligadas ao léxico, sintaxe, morfologia, etc. É importante salientar que essa competência deve ser desenvolvida para as duas línguas em contato: a língua que, para o tradutor/intérprete é estrangeira – L2 – e aquela que lhe é ‘materna’, L1. Esse comentário é fundamental porque, tipicamente, o domínio da língua materna é relegado a um segundo plano, uma vez que se assume esse conhecimento como um ‘fato dado’, como se apenas *ser falante nativo* de uma língua já conferisse ao falante o *saber especializado* sobre sua língua. [...], e a **competência referencial** se refere ao desenvolvimento da capacidade de buscar conhecer e se familiarizar com os *referentes* dos diversos universos em que uma atividade de tradução/interpretação pode ocorrer. Em outras palavras, um tradutor/intérprete pode **não ter competência referencial** no universo da medicina, por exemplo, mas pode aprender a buscar esse conhecimento por meio de estratégias específicas. (ênfase adicionada).

Os autores salientam as definições entre **competência linguística** como o ato de conhecer os aspectos linguísticos da língua-fonte e da língua-alvo. A Libras, assim como a Língua Portuguesa mantém estruturas linguísticas bastante distintas que podem promover sentidos muito próximos ou distantes durante o traslado entre a língua-fonte e a língua-alvo. A exemplo desse trabalho, o traslado de Libras para Língua Portuguesa oral.

No que tange a **competência referencial** trata-se do conhecimento e o reconhecimento de uma linguagem específica de uma área científica, considerada mais familiar ou não para o intérprete ou para o tradutor. Por exemplo, na escola, os conhecimentos específicos dos assuntos tratados em sala de aula em contexto com as disciplinas ministradas conforme as explicações dos professores.

Mediante isto, Lacerda (2009, p. 17) explica que:

É importante destacar que o bom domínio de um tema colabora para a boa atuação do tradutor/intérprete, mas que não se espera que para traduzir uma conferência médica o intérprete precisa ser um médico, ou num tribunal ele precise ser um advogado. Ele precisa conhecer e compreender o tema para fazer um bom trabalho, mas não necessariamente ser profissional daquela área.

Ainda, segundo Lacerda (2009) as atitudes de escolher um bom intérprete que conheça a linguagem referencial de uma determinada área de conhecimento é importante, porém é muito comum profissionais que conhecem a linguagem específica de sua profissão se aventuram em traduzir textos ou livros de sua área de conhecimento, porém não possuem técnicas ou estratégias de tradução gerando equívocos desastrosos, deixando a desejar o manejo linguístico da língua-fonte para língua-alvo.

No caso deste trabalho a importância de pontuar o conhecimento referencial é em virtude de haver na narrativa sinalizada pelo professor surdo, sinais específicos pertencentes à história e a realidade das comunidades surdas do Brasil, a exemplo, o período de proibição do uso e do ensino de língua de sinais nas escolas de surdos que se chamou de “Oralismo”. Estes apontamentos estão presentes nas análises discursivas descritas na seção III.

Neste sentido a interpretação e a tradução são ações que envolvem as competências linguísticas e referenciais. Quanto mais se traduz e quanto mais se analisa uma interpretação encontram-se novas visões e/ou revisões de textos que apontam para “novos contextos”, definições ou conceituações e que requer em grandes proporções de familiaridades linguísticas entre as línguas que estão em processo de interpretação ou tradução e sobre assuntos tratados.

Contextualizando tais questões acima, Travaglia (2003) aponta que a competência do intérprete é acima de tudo preocupar-se com sua visão e conhecimento de mundo. No caso deste trabalho que envolve como objeto de estudo a interpretação como processo de retextualização, essas visões de mundo serão denominadas de **cosmovisão interpretativa**, que se constitui nos diversos saberes educacionais que o intérprete educacional de Libras traz em sua história profissional, tais elementos acrescentam aspectos significativos para o traslado interpretativo de Libras.

A partir destes pontos de vistas é que surge a retextualização que traz uma visão de um novo texto a partir do texto fonte. São estas e outras discussões que

serão tratadas no próximo tópico que abordará a respeito da transcrição e da retextualização.

1.4 DEFINIÇÕES ACERCA DA TRANSCRIÇÃO E DA RETEXTUALIZAÇÃO

Marcuschi (2001, p. 49) define a transcrição da seguinte maneira: “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para uma forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”.

As mudanças ocorridas na transcrição não devem interferir na natureza do discurso proferido no ponto de vista da estrutura da língua[gem] e do conteúdo (FLÔRES; SILVA, 2005). Processo outro é o da retextualização, que age sobre o texto, que propicia uma interferência maior e provoca mudanças mais sensíveis, em especial no caso da língua[gem].

Este trabalho que envolve duas línguas, uma visual-espacial e outra oral-auditiva torna um ato possível de realizar **Tradução-transcrição**, por que quando se faz tal processo há uma passagem de um código para o outro e que ocasionalmente poderá ocorrer grandes transformações.

Flôres; Silva (2005, p. 43) estabelecem as seguintes características:

[...] a transcrição deve manter-se fiel à fala do entrevistador, conservando todas as suas características fonéticas, alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos, sotaque, entonações, retificações, pois esses são elementos típicos da fala que não devem ser desconsiderados no momento da transposição do oral para o escrito.

No caso de Libras esse processo é denominado de **Tradução literal de Libras**, isto é, a transcrição exata do que esta sendo sinalizado para a Língua Portuguesa escrita (FERREIRA-BRITO, 1997). Aqui, em função do conceito de transcrição envolver uma mesma língua, utiliza-se o termo Tradução literal de Libras, em que se faz a transcrição dos sinais utilizando-se dos grafemas de Língua Portuguesa mantendo a mesma estrutura da língua de sinais, como é realizado no exemplo 1 a seguir por Felipe (2001, p. 147):

EU TRABALHAR FENEIS ‘eu trabalho na FENEIS’;
EL@ TRABALHAR FENEIS ‘ele/a trabalha na FENEIS’;
EL@+ TRABALHAR FENEIS ‘eles/as trabalham na FENEIS’.

Quando é realizada a Tradução literal em Libras pode-se ter a mesma formação de sentenças ou o uso de expressões corporais-faciais, movimentos e configurações de mãos de uma língua de sinais para uma modalidade escrita. Como Quadros; Karnopp (2004) haviam explicitado anteriormente a tradução literal de Libras é representada por glosas que se constituem em: “[...] traduções de uma palavra rara ou incomum; por isso, o *glossário* é um dicionário das palavras raras ou dos termos de uma língua diferente da língua corrente” (DUBOIS *et al*, 2006, p. 308).

Um modelo de tradução literal utiliza sinalizações de Libras com uso de símbolos para exemplificar expressões de graus de aumentativo e diminutivo e demais aspectos referentes, como exemplo 2 de Ferreira-Brito (1997, p. 28):

HOMEM + PEQUEN@ = MENIN@
MULHER + PEQUEN@ = MENIN@

Ferreira-Brito (1997, p. 16) utiliza ainda o seguinte modelo de tradução literal para designar morfemas em Libras:

BONITO - expressão facial ~ (marca de grau aumentativo)
BONITO - expressão facial Ô (marca de grau diminutivo).

O modelo acima descreve a constituição do sinal em Libras, ou seja, como ele por meio de elementos tais como: expressão facial, movimentos e configurações de mãos podem organizar um léxico em Libras que se distingue bastante da Língua Portuguesa quando se quer adjetivar uma pessoa em virtude de suas características físicas.

Outro fator é que em Língua Portuguesa as formações das palavras são expressas por constituições morfológicas. Por exemplo, em Língua Portuguesa podemos ter os seguintes fonemas: /t/, /a/, /f/, /o/. A partir disso forma-se a palavra: fato. Enquanto que em Libras há presença do **Quirema**, termo que designa o uso das mãos para formação dos sinais (FERREIRA-BRITO, 1997).

Contraopondo essas discussões a respeito da transcrição das Línguas de Sinais (LS), Barros (2008, p. 25) define em suas pesquisas a seguinte terminologia:

Dizer que a ELiS tem uma estrutura de base alfabética significa dizer que seus símbolos gráficos representam, ‘bem ou mal’, visemas das LS. Os símbolos representativos de visemas, neste sistema, podem ser

denominados mais tecnicamente como visografemas, ou seja, unidades mínimas (-ema) escrita (graf-) dos visemas (vis-), uma nomenclatura específica para a escrita dos elementos das LS, ou simplesmente como letras. Durante toda a realização da pesquisa, o termo usado foi seu antecessor, quirografema, mantido nos anexos, produzidos neste período. Apenas no momento da análise final dos dados, criei um termo mais adequado à minha compreensão da LS, visografema.

Segundo a autora diz-se visemas para a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), por que a Libras é uma língua que se estrutura a partir do visual-espacial, ou seja, não há uma formação de fonemas, mas de **visografemas**.

Ainda com as definições da autora, um de seus objetivos principais é distanciar-se de um olhar fonocêntrico, e entender que o universo das Línguas de Sinais é composto de uma compreensão mais visual, ou seja, colaborando para um novo termo para a definição da escrita ou transcrição da Língua de Sinais.

A partir disso, Barros (2008, p. 140) apresenta termos que se assemelham entre as Línguas Orais-Auditivas (LOA) e as Línguas de Sinais (LS):

Quadro 2: Distinções entre Línguas de Sinais e Línguas orais

Campo das LS	Campo das LO
Visema	Fonema
Viso	Fone
Visologia	Fonologia
Visética	Fonética
Visêmico	Fonêmico
Visético	Fonético
Aloviso	Alofone
Visografema	Alfabeto

Fonte: Barros (2008)

Mediante isto a interpretação de Libras aponta necessidades de cuidados minuciosos do translado de uma língua-fonte para língua-alvo para uma melhor aproximação do original. Parafraseando Benedetti (2003) questiona-se: pode o intérprete de Libras ser reconhecido como “autor/intérprete” de um texto?

De acordo com as experiências de Benedetti (2003, p. 30-31) o tradutor pode ser considerado “autor/tradutor” de outro texto. Ela relata o seguinte discurso:

Tenho ouvido de diversos colegas, tradutores respeitáveis e competentes, que o tradutor não é autor. Não me parece que deixem de ter razão até certo ponto. Têm razão quando consideram a concepção geral do texto de partida, a sua paternidade, o seu – digamos sem muita precisão – conteúdo. Claro, a autoria nesse caso é, justamente, do seu autor. De fato, a este nunca é negada a paternidade do texto de partida, e, assim como nenhuma criança costuma ter dois pais biológicos, estranho parece a muitos que um texto os tenha. Aí o que acontece é que se considera o texto apenas em uma de suas faces: a de partida. Ora, o texto de chegada já não é o texto de partida. É outro texto. E deste o autor é o tradutor. A verdade é que o DNA do tradutor marca indelevelmente a forma como é conhecido o texto de chegada. Unindo portanto a questão da (in)visibilidade à questão da autoria, é possível dizer que, se tradutor invisível é uma contradição nos termos (como dei a entender acima), tradução sem autor é uma impossibilidade de fato.

A autora, por meio de suas experiências aponta que o texto inicial em uma língua-fonte nunca será o mesmo, mas terá o mesmo sentido em uma língua-alvo. Esta questão resume buscar uma melhor acessibilidade à leitura e a compreensão na língua-alvo que é influenciada por uma cultura; em segunda instância, é a prática em tradução do profissional: verificar se o mesmo já viveu ou vive a cultura da língua-alvo e suas possíveis variações e, por último, a publicação deste texto que trará algumas esperas para o reconhecimento do “autor/tradutor” que poderá cair na visibilidade ou na “invisibilidade”.

Semelhante a este relato de Benedetti (2003), Travaglia (2003) discute também que o tradutor é possivelmente um “autor/tradutor”, pois o mesmo está em uma postura de “poder”, podendo ou não trazer uma melhor escolha linguística para sua atuação na construção de um “novo” texto.

Travaglia (2003, p. 63) define que: “tradução [interpretação] será considerada por nós como a **retextualização** de um segmento linguístico (um texto) numa língua diferente daquela em que foi originalmente concebido”. Partindo desta definição, o texto inicial da língua-fonte passa a construir a sua própria coerência, logo a interpretação de Libras é também reconhecida, como outro(s) texto(s) por ter sofrido retextualizações.

Para Flôres; Silva (2005) a retextualização é uma atividade que promove uma melhor acessibilidade de leituras de um texto que já havia sido transcrito.

Ainda com as explicações de Flôres; Silva (2005, p. 59) a retextualização se define no seguinte procedimento:

Não se trata de propor em uma retextualização a passagem de um texto supostamente sem controle e confuso (referindo-se ao texto falado) para outro claro e bem-estruturado (texto escrito). A passagem da fala para a escrita não é do caos para a ordem: é apenas a passagem de uma forma para outra forma, pois ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes, através da elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações sociais e regionais.

Assim, a interpretação em Libras, como um processo de retextualização, apresenta uma transformação textual profunda que requer um processamento cognitivo e compreensões do discurso que está sendo realizado, para depois disso o profissional intérprete de Libras proceder as alterações lexicais e estruturais necessárias para que haja uma melhor atitude sociointerativa entre as línguas.

Neste sentido Travaglia (2003, p. 64) discute que:

[...] uma teoria da tradução que a veja como um **processo de retextualização** dentro de um funcionamento discursivo (portanto levando em consideração não só o texto como objeto materializado, mas também a sua exterioridade entendida esta como situação imediata de produção, a situação como contexto sócio-histórico e ideológico mais amplo, e o sujeito) será certamente mais abrangente em seus mecanismos do que teorias que a vejam como recodificação (que considera só a língua vista como código e não como instrumento de interação) ou apenas como criação, tendendo a aplicar-se só a um tipo de texto, o literário. A teoria da tradução enquanto retextualização leva em conta tanto a língua enquanto conjunto de regularidades discursivamente constituídas, quanto a situação e o sujeito usuário da língua na interação, ou seja, as condições de produção do texto como unidade discursiva do sentido.

Segundo a autora o processo de retextualização sob o ponto de vista dos **Estudos de Tradução** é resultado de um objeto materializado em um determinado contexto situacional, juntamente com o sujeito que atua como profissional intérprete quer seja em línguas orais-auditivas ou em línguas visuais-espaciais. Ressalta-se que a interpretação como processo de retextualização não se constitui em um trabalho recodificador da língua.

Mediante isto, Rodrigues (2000) aborda que a retextualização corresponde a uma equivalência textual e a formulação de outro texto. Para que haja isso a autora explica que é necessário ter primeiramente um “material textual” e que possa ter possíveis “equivalências”.

De acordo com essas situações – o intérprete de Libras realmente atua em uma ação de retextualização em suas interpretações. Quando uma pessoa vai

enunciar um discurso em um evento, o mais ideal seria que o intérprete de Libras tivesse um conhecimento prévio do conteúdo a ser falado, isto é, obtendo acesso ao texto que será trabalhado. Neste sentido a realidade não apresenta tal situação como uma regra absoluta, em muitos momentos há dificuldades na atuação desses profissionais, pois não há uma fundamentação para uma neutralidade interpretativa nos momentos de traslados.

Diante do exposto, Marcuschi (2001) trata a retextualização como uma passagem de um texto ordenado para outro texto ordenado. No caso de Libras, objeto de estudo desta pesquisa, pode entender que há interferências nas passagens do visual-espacial para o oral-auditivo. Por exemplo: em uma interpretação simultânea de Libras para a Língua Portuguesa é necessário pensamento rápido e um raciocínio lógico para uma maior proximidade do texto original em Libras.

Desta forma, entendem-se que em meio a estas discussões, um dos grandes desafios para a atuação do profissional intérprete de Libras em diversas áreas de conhecimentos é saber como lidar com a diversidade linguística e a diversidade de variações vocabulares; a formação acadêmica para possíveis atuações no mercado de trabalho; as maneiras de ser da pessoa surda quando for realizada uma interpretação sinal/voz; e entre outras questões. Partindo desse pressuposto abordar-se-a, na próxima seção o trabalho do intérprete de Libras e as interpretações de sinal/voz do ponto de vista das transformações que ocorrem entre língua-fonte e língua-alvo.

SEÇÃO II

A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

2.1 O CONTEXTO DA PESQUISA

A tradição dos Estudos de Tradução no ocidente, conforme assinala Aubert (2003, p. 9) surgiu no seguinte contexto histórico:

[...] a tradução nasce, curiosamente, também em um contexto propenso à normatividade. Com efeito, parte significativa da produção teórica sobre a tradução, nos anos 1960, 1970 e mesmo adiante no século XX surge no contexto das diversas instituições, principalmente europeias e canadenses (mas, também, brasileiras e hispano-americanas) dedicadas à formação de tradutores e/ou intérpretes.

Como visto, Aubert (2003) cita o Brasil em meio à produção teórica europeia e norte-americana nas décadas de 1960 e 1970, no entanto, um dos primeiros pesquisadores a desenvolver esses estudos no Brasil foi o húngaro Paulo Rónai que escreveu a obra “Escola de Tradutores”, em 1952.

Essa afirmação está expressa no livro de Rónai (1987, p. 9) por meio das notas de introdução da obra:

Paulo Rónai, a quem muitas e variadas experiências no setor da interpretação predestinavam a esse trabalho, foi quem primeiro abordou em 1952, na 1ª edição do presente livrinho, publicado nos Cadernos de Cultura, de Simão Leal, os aspectos principais do tema.

Confirmando Rónai (1987) temos a afirmação de Hortêncio (2010, p. 39) que “Os Estudos da Interpretação (*Interpreting Studies*), uma das vertentes dos Estudos da Tradução, estreou no cenário mundial, na década de cinquenta, com um punhado de pesquisadores”.

Em todo caso, a aceleração maior dessa área de conhecimento ocorre no Brasil, somente, nos anos 1980, trazendo, “[...] uma crescente percepção de divórcio entre os praticantes da teorização e os operadores da prática tradutória” (AUBERT, 2003, p. 8).

Em relação a Libras o interesse pelo processo interpretativo para Língua Portuguesa oral teve como marco a publicação do livro “O tradutor e intérprete de

língua brasileira de sinais e língua portuguesa”, escrito por Ronice Müller de Quadros e publicado pela Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos em 2004.

Segundo Vasconcelos; Bartholamei Junior (2008), a Libras demarca um novo foco para profissionais da área de interpretação. Em relação à busca de trabalhos publicados que abordam o processo de interpretação em Libras para Língua Portuguesa, encontrou-se um artigo denominado “Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais” de Pires; Nobre (2004) que aborda a interpretação de Libras e suas perdas e ganhos existentes no traslado da língua-fonte para língua-alvo.

Outros achados foram duas dissertações de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos de Tradução da UFSC: Souza (2010) e Segala (2010). O primeiro trabalho investiga a tradução dos textos escritos em Língua Portuguesa para vídeos em Libras do curso de Letras/Libras da UFSC. Em suas análises, Souza (2010) também aponta que a tradução dos mesmos são retextualizações de um primeiro texto, a seguir, utiliza glosas e a transliteração de Libras como estratégias de tradução. O segundo trabalho, (SEGALA, 2010) trata da interpretação de Libras nos vídeos do Letras/Libras como atuação, isto é, o intérprete passa a ser ator/tradutor. Esse profissional dispõe de tempo para pesquisar em como atuar nas filmagens para discentes surdos do curso, tendo como referência a tradução cultural da Língua Portuguesa para Libras.

Após este breve estado da arte, serão apresentadas as análises do *corpus* coletado que se restringe nas pessoas participantes da pesquisa e a narrativa em Libras que foi utilizada nessa investigação científica.

2.2 OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O processo de efetivação desta pesquisa se deu pelos seguintes passos: submissão e análises no Comitê de Ética da UEPA; escolha dos profissionais das instituições citadas no projeto para a realização da pesquisa – Universidade do Estado do Pará, Instituto de Formação em Educação Inclusiva e Comunidade Cristã de Belém, os mesmos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(TCLE) e realização de filmagem dos participantes para produção de dados para análise.

2.2.1 A submissão ao Comitê de Ética e elaboração do TCLE

Este trabalho foi submetido a julgamento e autorização pelo Comitê de Ética da UEPA – Campus III (Folha de Rosto: 468931 CAAE: 0037.0.412.000-11). Após a aprovação foi entregue a declaração que descreve que não há pendências no projeto dando aval a pesquisa (Ver Anexo 1).

O Comitê de Ética aprovou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que em linhas gerais permite ao pesquisador utilizar filmagens, gravações de áudio dos participantes, resguardando a estes o direito de autorizar uso desses dados para fins unicamente de pesquisa (Apêndice 1 e 2).

Para confirmar essas informações foi utilizado apenas para fins da pesquisa, que os participantes assinassem um TCLE, segundo o qual receberiam uma cópia contendo o consentimento de uso de sua imagem – no caso do professor surdo – para fins de apresentação de trabalho na defesa da dissertação de conclusão do curso de Mestrado ou em eventos acadêmicos (Ver apêndice 2 o TCLE).

Ressalta-se que o TCLE explicita a ética do pesquisador para com os participantes da pesquisa, estabelecendo formalmente a participação dos mesmos nessa investigação, bem como o uso da imagem do professor surdo e a utilização das vozes em áudio dos intérpretes de Libras que em segundo momento tanto as falas dos intérpretes quanto as sinalizações em Libras foram transcritas para serem submetidas a análises conforme a proposta de um estudo de retextualização.

Pontua-se que os termos foram assinados por todos os profissionais participantes.

2.2.2 A escolha dos profissionais

O primeiro profissional escolhido foi o professor Cleber Couto graduado em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú e especialista em Educação Inclusiva pela mesma instituição. O motivo que levou a escolha desse profissional foi em virtude de ser um dos pioneiros no ensino de Libras, tendo sido capacitado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) para atuar como agente

multiplicador no uso e ensino de Libras na comunidade surda e ouvinte do Estado do Pará e também por sua atuação como ator teatral, que é reconhecido nacionalmente.

Escolheu-se também como participantes deste estudo seis profissionais intérpretes de Libras: um do sexo masculino e cinco do sexo feminino, codificados por nomes fictícios para manter em sigilo a identidade dos mesmos, conforme expresso no TCLE. Essa distinção de gênero não foi considerada para ação de traslado de Libras para Língua Portuguesa oral.

Em relação às formações desses participantes tem-se:

1) Frida - graduanda em Pedagogia em uma universidade privada da capital; Intérprete de Libras educacional e religiosa; Idade: 38 anos;

2) Bia – graduada em Fonoaudiologia e especialista em Fonoaudiologia Hospitalar por uma instituição de nível superior particular; Intérprete religiosa; Idade: 28 anos

3) Oscar - graduado em Matemática e em Física por duas instituições federais. É mestre em Educação Matemática e atualmente é doutorando em Matemática em um programa particular de pós-graduação. Possui PROLIBRAS em interpretação de Libras para o Ensino Superior; Idade: 37 anos.

4) Elma - formação no Ensino Médio; Intérprete religiosa; Idade: 19 anos.

5) Maria - graduada em Pedagogia e Letras/Língua Portuguesa, pós-graduada *lato sensu* em Técnicas de Tradução e Interpretação de Libras e mestranda em Educação por uma instituição privada; Intérprete educacional e religiosa; Idade: 54 anos.

6) Lúcia - bacharel em Letras/Libras. Possui PROLIBRAS em interpretação de Libras para o Ensino Médio; Intérprete educacional e religiosa; Idade: 25 anos.

No que tange a atuação desses profissionais, tem-se a seguinte informação:

Frida atua há dez anos, desde 2002, como intérprete de Libras, sendo que seus primeiros contatos com a interpretação foi voluntariado na Igreja Evangélica Assembléia de Deus. Desde 2011, atua em uma instituição de ensino superior privada.

Oscar ingressou em 2010 na área da Educação de Surdos e apoia trabalhos voluntários em interpretação de Libras na Igreja Evangélica Assembléia de Deus, em Belém do Pará.

Maria e Lúcia atuam como profissionais intérpretes desde o ano 2000. Ambas apresentam históricos de interpretação em comunidades religiosas, Igreja do Evangelho Quadrangular e a Organização Testemunhas de Jeová, respectivamente.

Elma e Bia atuam desde 2010, somente na área religiosa na Comunidade Cristã de Belém.

Questiona-se: por que os intérpretes mantêm relações com áreas religiosas? Segundo Silva (2010) este fato acontece por que, a língua de sinais no Brasil apresenta uma íntima relação com instituições confessionais desde a década de 1980, entre as quais: Escola Especial Concórdia - Centro Educacional de Deficientes Auditivos – vinculada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil; as escolas de surdos sob influência da Igreja Católica; e, o processo de evangelização por meio das produções de glossários em Libras e sinais bíblicos pelas Testemunhas de Jeová e pela Junta de Missões Nacionais vinculada a Convenção Batista Brasileira, durante a década de 1990. As Testemunhas de Jeová publicou “Linguagem de Sinais” (SOCIEDADE BÍBLICA TORRE DE VÍGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS, 1992) e a Convenção Batista Brasileira publicou “O clamor do silêncio: estratégias de evangelização com surdos” (JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS, 1991).

2.2.3 Os dados para análise

Primeiramente foi realizado um pedido para o professor Cleber para que ele relatasse como se deu o seu conhecimento em Libras. Após seu aceite, foi marcado, em uma tarde logo após o término de sua aula no curso de Libras, um encontro para que filmasse o seu relato. Ressalta-se que esses contatos ocorreram todos em Libras.

No relato, o professor Cleber enuncia partes de sua história de vida que está relacionada aos seus primeiros contatos com a comunidade surda, a aquisição de Libras, o seu processo educacional como pessoa surda e os conhecimentos em leituras de mundo que podem ser expressos em novos conhecimentos para com a Arte, a Literatura e outros saberes científicos.

A partir da narrativa, foi pedido que cada um dos profissionais realizasse a interpretação para a Língua Portuguesa oral sinalizada pelo professor Cleber.

O professor Cleber, no dia marcado, foi esclarecido dos objetivos do trabalho e que seu depoimento seria espontâneo e não envolveria nenhum risco, uma vez

que não seria perguntado nada que o constrangesse. Fora explicitado que a participação do mesmo era totalmente voluntária e que a qualquer momento o participante poderia desistir e retirar seu consentimento, sem nenhum prejuízo no desenvolvimento do projeto. O pedido feito foi que contasse um pouco de sua história com uso de Libras.

O professor Cleber relatou, espontaneamente, após ter assinado o TCLE, partes de sua história com uso de Libras e seu processo educacional. Tal depoimento foi filmado em câmera digital, com o vídeo em formato MP4. O tempo total desta filmagem, sem interrupção do pesquisador, é em torno de dois minutos e trinta e dois segundos, ocorrida em uma tarde no dia 28 de junho de 2011.

A seguir, a filmagem do professor Cleber foi apresentada para seis profissionais intérpretes. O vídeo foi entregue para ser interpretado em tempo real, isto é, uma **ação interpretativa**, segundo as definições de Rónai (1987). Ressalta-se que os intérpretes não poderiam ter prazo para a entrega do documento, ou seja, a interpretação do vídeo em Libras deveria ser trasladada para Língua Portuguesa oral-auditiva sem nenhum momento de consultas em dicionários ou glossários de Libras. A coleta desses dados foi gravada em áudio, fornecendo seis interpretações de uma narrativa.

Após a coleta das gravações em áudio, as mesmas foram editadas e codificadas por nomes fictícios como foi descrito anteriormente, no qual foram transcritas conforme os modelos de transcrição adaptados de Flôres; Silva (2005).

Os procedimentos utilizados foram os seguintes:

1. Truncamento: uso da barra “/”. Exemplo: Neste período comecei aprender LIBR/a oralização.
2. Entonação enfática: Letras maiúsculas. Exemplo: [...] me convidavam, coisas RÁpidas, eu comecei a aprender RÁpido,[...]
3. Alongamento de vogal ou consoante: uso de quatro pontos “::”, podendo ser seis pontos. Exemplo: O Português::... o computador.
4. Interrogação: uso do ponto convencional de interrogação“?”: Exemplo: Bem, perguntaram-me: como é a Libras?
5. Qualquer pausa: uso da reticência. “...” Exemplo: Depois no período de 26 anos...até hoje mais ou menos na faixa de 40 [...].

No que diz respeito às transcrições das sinalizações do professor Cleber, utilizou-se a **Tradução literal de Libras** para a Língua Portuguesa escrita adaptadas das convenções de Ferreira-Brito (1997, p. 16):

1. Os sinais da Libras, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas. Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc;
2. um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO, MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc;
3. a datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades e outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen. Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;
4. o sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à Libras por ser expressar pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico. Exemplos: *R-S* “reais”, *A-C-H-O*, *QUM* “quem”, *N-U-N* “nunca”, etc;
5. na Libras não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ [arroba] para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ “amiga(s) e amigo(s)”, FRI@ “fria(s) e frio(s)”, MUIT@ “muita(s) e muito(s)”, TOD@, “toda(s) e todo(s)”, EL@ “ela(s), ele(s)”, ME@ “minha(s) e meu(s)” etc.

Foram acrescentadas as seguintes simbologias retiradas dos processos de tradução em Libras proposto por Quadros; Karnopp (2004, p. 41):

6. “cl” para designar o morfema-lexical-gramatical denominado de **Classificadores em Libras**. Estes são postos entre < > (menor que, maior que) com a explicitação do que significa. Exemplo: <PINTAR-COM-ROLO> cl. (ênfase adicionada).
7. ++ (mais, mais) para designar intensidade do sinal. Exemplo: <BONIT@ ++>.

E a **Soletração rítmica** adaptada de Kojima; Segala (2000) para representar o sinal “N-U-N” para a palavra “nunca” em Língua Portuguesa.

Segue-se os estudos da *corpora*

2.3 O ESTUDO DA *CORPORA*

A produção em Libras é um discurso inicial, como vimos anteriormente. O enunciador (professor Cleber), é um indivíduo que apresenta em sua língua[gem]

uma construção discursiva, uma pequena história, em relação à sua educação e o uso da Libras, bem como a sua introdução na comunidade surda. Este discurso parte de uma representação visual-espacial constituindo o texto base 1 em Libras que foi filmado.

O discurso do surdo é interpretado de Libras para Língua Portuguesa oral. Em relação ao método a ser utilizado para analisar os discursos proferidos pelos intérpretes de Libras e pelo professor Cleber, tomam-se base nas operações de Marcuschi (2001) para ações de retextualização. Na proposta desse autor, temos os seguintes processos:

1. Reordenação sintática: que apresenta uma atividade de reformulação.
2. Substituições: atividade que representa uma troca, uma permutação linguística.
3. Eliminação: trazem marcas interacionais, hesitações e partes de palavras, baseadas na idealização linguística.
4. Acréscimos: ação que abrange operações de transformações.

Essas interpretações geraram uma representação oral que desembocaram em um texto interpretado em áudio para Língua Portuguesa.

Em seguida realiza-se a transcrição da produção em Libras. Para tal, utilizou-se um modelo adaptado de Ferreira-Brito (1997) que buscou ao máximo apresentar uma fidelidade com acréscimos de pontuações em relação ao discurso do professor Cleber. O terceiro procedimento é de transcrições dos discursos interpretativos emitidos em áudio pelos participantes da pesquisa que também foram submetidos às análises do pesquisador. Trazendo uma representação escrita na Língua Portuguesa conforme os modelos de transcrição de Flôres; Silva (2005).

No que tange a sistematização e análise da *corpora*, será utilizado elementos da retextualização e da Análise do Discurso (AD).

A análise da retextualização ocorrerá da Tradução literal de Libras, feita pelo pesquisador para a transcrição realizada da interpretação do áudio. Resume o procedimento realizado para munir as análises deste estudo em que as interpretações são defendidas como processo de retextualização. Uma análise do tipo proposto pode trazer ao texto novos efeitos promovedores de novas significações repletas de condições sócio-históricas que não podem ser

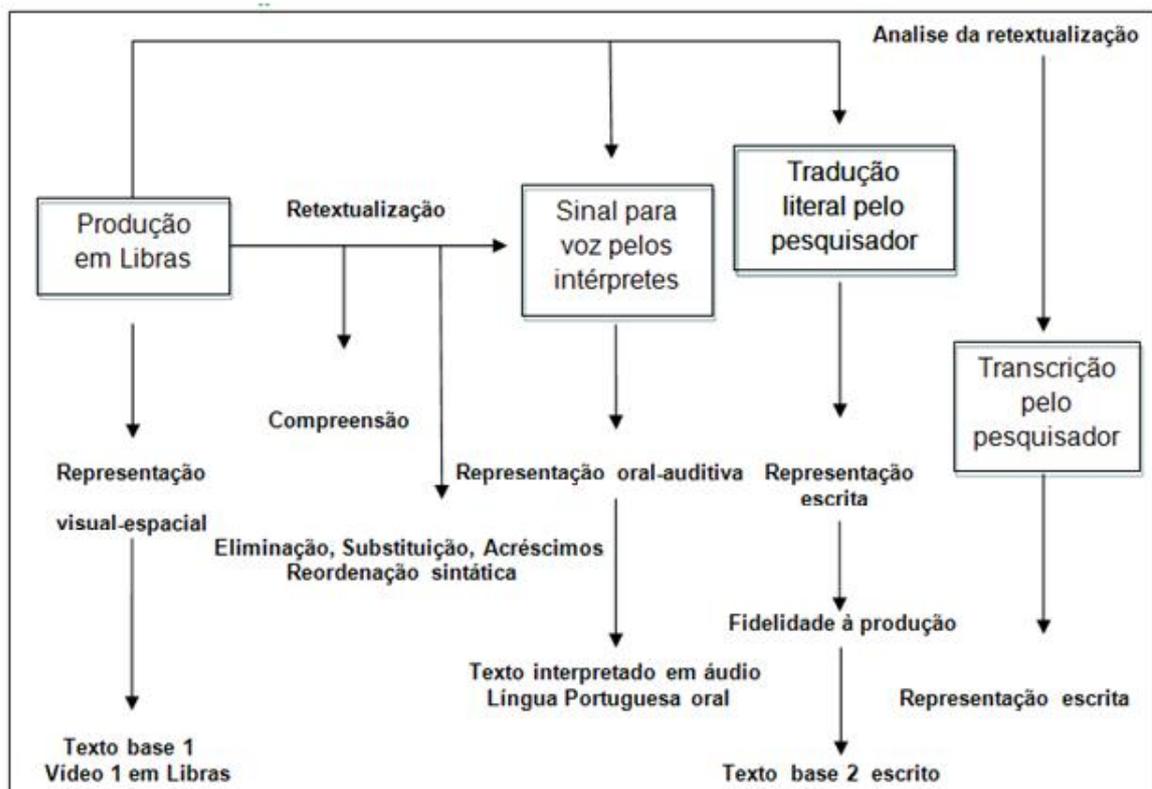
consideradas como secundárias, e sim como fatores primordiais para formação do sujeito (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2007).

A análise textual descrita neste trabalho parte do método da retextualização das falas em Língua Portuguesa oral emitidas pelos intérpretes de Libras em relação ao relato sinalizado em Libras pelo professor Cleber, identificando os possíveis processos de transformação do uso e escolha vocabular que podem estar influenciando o processo interpretativo. Enquanto na Análise do Discurso tomou-se base nos efeitos discursivos emitidos pelos intérpretes de Libras, tendo como referências: Baronas (2005), Haroche; Henry; Pêcheux (2007) e Pêcheux (2008).

Após esta apresentação, destaca-se que analisar um relato em Libras e a sua interpretação para Língua Portuguesa oral, propicia reflexões acerca das definições teóricas e práticas da interpretação a composição de um texto. Segundo as considerações de Marcuschi (2001) este processo pode gerar muitas interferências e mudanças em grandes proporções, em especial no caso da linguagem.

A partir destas considerações faz-se a exposição de como se deu este processo de retextualizações frente aos elementos textuais-discursivos:

Diagrama 1: Processos de retextualização da Libras para a Língua Portuguesa

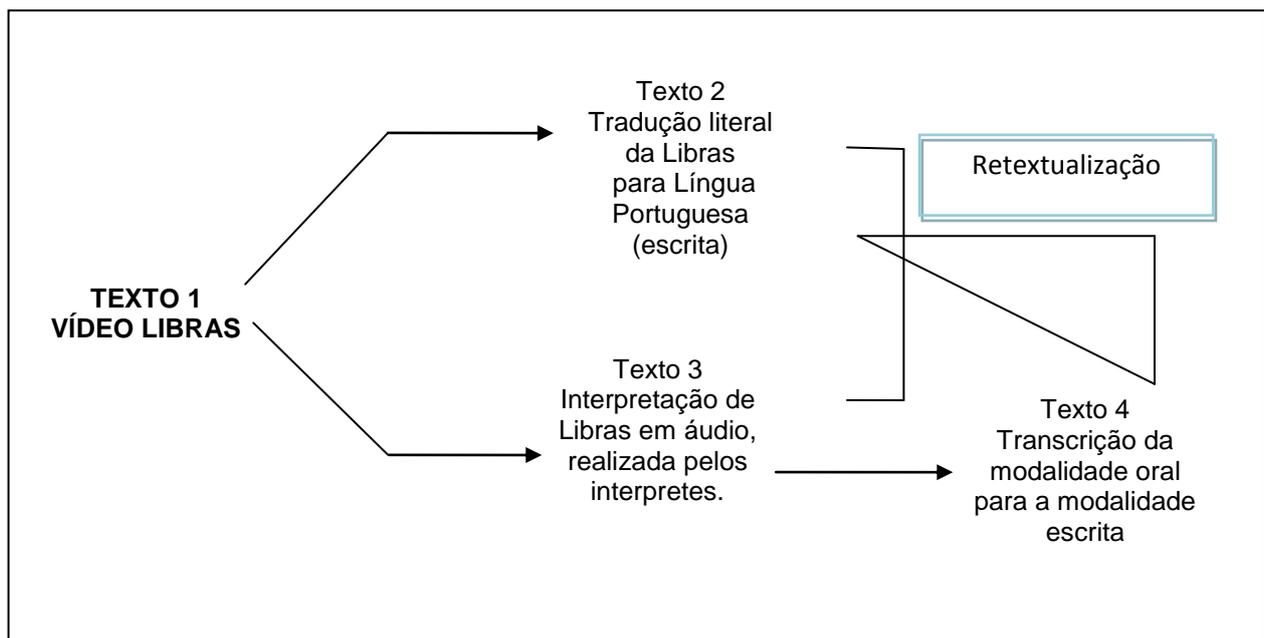


Para Flôres; Silva (2005, p. 59) a retextualização “[...] é a passagem do texto falado para um texto escrito [...]”. Ela envolve, operações que interferem no código. Em relação a esse trabalho a retextualização se dará de um texto interpretado de Libras para Língua Portuguesa oral, é um texto transcrito dos discursos interpretativos dos participantes da pesquisa para Língua Portuguesa escrita.

Para dar início as análises dos processos de interpretação de Libras – língua-fonte – para a Língua Portuguesa – língua-alvo – tomaram-se base nas definições de Marcuschi (2001) e outros pesquisadores que estudam a transposição de um texto oral, escrito ou sinalizado para um texto escrito.

Mediante isto o diagrama 2, explica o processo de interpretação e a transposição de uma língua de sinais para uma língua oral-auditiva, ambas produzem textos:

Diagrama 2: Processos de tradução para retextualização



Fonte: elaboração própria

Como indica o diagrama 2, a análise da retextualização será do texto 2, tradução literal da Libras para a Língua Portuguesa na modalidade escrita, para o texto 4, transcrição da modalidade oral para a modalidade escrita da Língua Portuguesa. O processo de retextualização é do escrito para o escrito, sendo que o primeiro escrito é uma tradução literal, que representa a Libras e o segundo escrito é uma transcrição que representa a modalidade escrita da Língua Portuguesa.

A seguir as transcrições da narrativa produzida pelo professor Cleber e as seis interpretações dos participantes ouvintes.

Tradução literal de Libras para Língua Portuguesa

1. OI. TUD@ BEM? ME@ NOME C-L-E-B-E-R. ME@ SINAL GINÁSTICA.
2. EU PROFESSOR@ LIBRAS. PERGUNTAR EU. O QUE LIBRAS? ESPERAR.
3. IDADE <B-ENTRE> cl DOIS ATÉ VINTE E SEIS IDADE <B-ENTRE> cl.
4. <B-PERÍODO> cl EU APRENDER É ORALIZAR PROIBIR LIBRAS PASSAD@.
5. EU TREINAR ORALIZAR BEM LER BEM ESCREVER BEM EU DESENVOLVER GRUPO COMUNIDADE OUVINTE N-U-N DAR PARA-MIM NADA. EXEMPLO EXPLICAR NADA PARA-MIM. EU MEMORIZAR, MEMORIZAR, SÓ.
6. BEM. EU <B-ENTRE> cl VINTE E SEIS IDADE ATÉ AGORA QUARENTA IDADE AGORA EU <B-PERÍODO> cl PARTICIPAR COMUNIDADE SURD@ EU OLHAR PARTICIPAR AJUDAR EU ENSINAR EU APRENDER EU TUD@ BEM.
7. PROFESSOR@ DENTRO UNIVERSIDADE COIS@ OUTRAS FAZER VESTIBULAR ENSINAR EU, EU SURPRES@ APRENDER EU COISAS <RÁPIDO ++> EU APRENDER, APRENDER PORTUGUÊS RÁPIDO EU SURPRES@ LIBRAS CAPACITAR APRENDER BO@ ESCREVER PORTUGUÊS.
8. PASSAD@ EU <B-B PERÍODO> cl IDADE COMEÇAR ORALIZAR TER-NÃO EXPLICAR N-U-N EXEMPLO EXPLICAR NADA.
9. GRUPO LIBRAS AGORA ENSINAR EU <EXPLICAR ++> EU SURPRES@ DENTRO GERAL PORTUGUÊS, TEATRO, LITERATURA COISA.
10. EU SURPRES@ CONVIDAR EU CAPACITAR DIGITAR EU COMPUTADOR PORTUGUÊS PROJETAR ORGANIZAR CAPACITAR MOSTRAR OUTR@ PENSAR EU OUVINTE LER PERFEIT@, MAS TER ALGUNS ERRAD@, MAS PORTUGUÊS BO@.
11. SONHAR EU LIBRAS MELHOR AJUDAR EU RELAÇÃO EU ENSINAR LIBRAS EL@ OUVINTE ENSINAR EU PORTUGUÊS APRENDER EU BEM.

A seguir as transcrições das falas dos intérpretes de Libras participantes da pesquisa. Esta transcrição foi feita a partir do texto interpretado em áudio para a Língua Portuguesa oral:

Transcrição da intérprete Frida

1. Olá! Tudo bem? Meu nome é Cleber. Meu sinal:..
2. Eu sou professor de Libras. Me perguntam: como? Como você começou Libras?
3. Minha idade entre dois até vinte e seis. Neste período comecei aprender Libr/a oralização.
4. Muito... muito rápido Libras no passado. Eu comecei mais a oralizar, na leitura, na escrita. Tudo bem. Me desenvolvi.

5. Depois é:: comunidade ouvinte me ensinava por exemplo coisas simples. Eu só decorava. Só. Só decorava.
6. Depois do período de vinte e seis até agora, na idade de quarenta anos, até hoje... Eu comecei a participar de congresso surdo, sempre. Comecei a participar. E os surdos me ajudaram me ensinando e eu comecei a aprender.
7. Depois os professores dentro da universidade, muitas coisas antes do vestibular, começaram a me ensinar e eu... comecei a aprender, me convidavam, coisas RÁpidas, eu comecei a aprender RÁpido, Português::.
8. Eu ficava admirado. Libras. Comecei a aprender Libras, Português. Nesse período eu comecei a oralizar:: explicar.
9. Nunca tinha me explicado nada antes. Depois da Libras, comecei a ter muitas explicações, sobre muitas coisas Português, teatro, muitas coisas, eu fiquei admirado e:: no computador, muitas coisas comecei a aprender, fazer projetos, mostrava tudo pensava::.
10. Leitura legal perfeito, mas muitas coisas erradas. Português é bom, comecei a ter sonhos e sobre Libras que é bem melhor, me ajudaram muito, tive ajudas Libras Português. Eu comecei a aprender melhor. Tudo bem. Ok.

Transcrição de intérprete Bia

1. Oi ::. Tudo bem? Meu nome Cleber. Meu sinal é esse.
2. Sou professor de Libras.
3. As pessoas me perguntam: o que é Libras?
4. É... na idade de dois até vinte e seis anos. Nesse período ele aprendeu a oralizar.
5. Não tinha o uso muito de Libras isso no passado. Ele oralizava, ele treinava a oralização, escrevia bem, lia bem.
6. Ele ficava muito envolvido na comunidade de ouvintes e as pessoas não se preocupavam muito em explicar as coisas pra ele.
7. Depois no período de vinte e seis anos... até hoje mais ou menos na faixa de quarenta, ele começou a participar da comunidade de surdos. E os surdos começavam a ensinar as coisas pra ele e ele aprendia melhor, os professores:: da universidade.
8. Antes do vestibular me ensinavam e os professores até se assustavam. Mas ele aprendia Português e os professores ficavam boquiabertos, por que tinha a questão da Libras, ele escrevia Português.
9. Nesse período no passado com a oralização, ele não conseguia entender o que as pessoas explicavam. Hoje com o intérprete, a questão da Libras ele/ é... é... ele...explicava as coisas. Ele consegue entender muito melhor Português, Arte, Literatura, muitas coisas. As pessoas até se assustam.
10. A questão do computador. O Português:: o computador. É muito bom, as pessoas até pensam, os ouvintes se assustam. Tem poucas coisas erradas Português. Português é bom. Com a Libras é bem melhor por que os surdos é...ensinam pra ele, e ele ensina Português. Ele ensina Libras pras ouvintes e os ouvintes ensinam pra ele Português.

Transcrição do intérprete Oscar

1. Oi. Tudo bem? Eu me chamo Cleber e este é meu sinal.
2. Eu sou professor de Libras. Bem, perguntaram-me: como é a Libras?
3. Então no período etário dos dois anos de idade:: até os vinte e seis anos de idade:: Durante este período a minha aprendizagem foi pautada na

filosofia oralista, a comunicação por meio da Libras, gesto-visual era proibida.

4. Devido a treinos eu passei a oralizar bem, lia bem, e escrevia, por conseguinte BEM. E assim então eu fui crescendo enquanto membro da comunidade ouvinte eu nunca recebi explicação de nada eu apenas abstraía as coisas por meio da memorização somente.

5. Já no período etário de vinte e seis anos até minha idade atual, quarenta anos eu adentrei na comunidade surda, comecei a observar essa comunidade.

6. Os surdos me ajudaram, ensinaram-me e eu aprendi bastante. O professor dentro da universidade. Antes:: de prestar o vestibular me ensinou por meio da Libras e eu aprendi...as/e apreendi as informações por ele socializadas BEM RÁpido.

7. Eu aprendi Português quando intermediada comunicação por meio da Libras, e isso me deixou admirado por meio da Libras é possível aprender escrever bem Português.

8. Antes no período etário de dois a vinte e seis anos de idade quando vivenciei a filosofia oralista, eu aprendi lentamente por que não havia explicação de nada.

9. Já dentro da comunidade surda por meio da Libras havia várias explicações, eu senti um impacto grande, pois por meio da Libras eu percebi todas as informações de Português, teatro, Literatura entre outras coisas o que me deixou bastante admirado.

10. Então quando eu digito o texto em função da organização gramatical do que tange a Língua Portuguesa, as pessoas ao ler pensam que a redação foi escrita por ouvinte, mas existem sim pequenos erros.

11. Bem eu escrevo texto de acordo com a estrutura gramatical da Língua Portuguesa, mas eu penso que a Libras é melhor então é uma troca entre/de informações entre/um ouvinte e eu. Eu ensino Libras a ele e aprendo Português, assim eu aprendo palavras bem melhor. Bem é isso.

Transcrição da intérprete Elma

1. Olá! Tudo bem? O meu nome é Cleber. E o meu sinal:: É este aqui.

2. Bom. Eu sou professor de Libras. Aí você me pergunta: o que seria Libras? Bem. Eu vou tentar explicar.

3. Entre a minha idade de dois:: até os meus vinte e seis anos. Nesse período eu aprendi a ser oralizado.

4. Por que antigamente. É... era proibido Libras. Eu fui bem oralizado, oralizava bem, escrevia bem.

5. E com o decorrer do tempo. Eu fui a um grupo de ouvintes, num congresso de ouvintes. E eles me deram, por exemplo/começaram a explicar algumas coisas. Eu não entendia nada. Legal!

6. E com o passar do tempo nos meus vinte e seis anos até os dias de hoje nos meus quarenta anos de idade. Agora eu:: nesse período eu comecei a participar de congressos de surdos.

7. Aonde eu ficava olhando, participei, vi os surdos escrevendo, e eles me ensinavam e eu fui aprendendo. Muito bom!

8. E um professor dentro da universidade me falava algumas coisas. E antes de eu fazer vestibular. Ele me ensina:: e eu fiquei assustado, por que eu aprendia muito RÁpido. As coisas muito A MIL. E eu aprendi, aprendi Português, eu fui aprendendo outras coisas.

9. E eu fiquei admirado por que na Libras precisa saber/prá escrever bem Português. E antes entre a minha idade de dois (2) a vinte e seis anos quando eu era oralizado, as pessoas não tinha isso, as pessoas não me explicavam nada. E agora dentro do grupo de surdos as pessoas me... me explicam melhor na Libras, por que dentro da Libras tem tudo Português, Literatura, teatro, existe tudo também. E eu fiquei admirado. E eu fui

aprendendo, por que eu precisava escrever algumas coisas no computador:: e escrevia bem Português preparei um texto e mostrei e todo mundo pensava que eu era ouvinte.

10. Por que leram o meu texto e acharam perfeito, mas QUase eu errava algumas coisas, por que o Português/o meu Português era bom. E comecei a imaginar como seria isso na Libras pra melhorar a Libras e ter uma Libras melhor e eles começaram a me ensinar a me mostrar e eu me relacionei ensinei aos ouvintes Libras, e os ouvintes me ensinaram Português e eu fui aprendendo melhor só isso. Obrigado.

Transcrição da intérprete Maria

1. Olá! Tudo bem::? Meu nome é Cleber. Meu sinal. É este.
2. Sou professor de língua de sinais. Então, é... me perguntaram: o que é Libras?
3. Bem. Eu na idade mais ou menos de dois até:: os vinte e seis anos. Neste período é... só aprendi a oralizar. Tá?
4. Por que era proibido a língua de sinais antigamente. E eu oralizava, eu treinava e conseguia. Eu lia bem, escrevia também e aí assim me desenvolvi. Então.
5. Na comunidade surda é... surda nunca me explicaram nada, né? Né? Só:: assim:: muito truncadamente.
6. E aí neste período de já de vinte e seis:: até hoje:: pelos quarenta anos, né? Então nesse período eu comecei a participar da comunidade surda. E eu participava e os surdos me ajudavam, me ensinavam e eu ia aprendendo. Muito bem.
7. Então, os professores nas universidades, diversas coisas antes, né? No vestibular, antes de fazer vestibular, eles ensinavam e eu ficava surpreso com o aprendizado de uma forma que as palavras era muito de/e eu consegui a aprender RÁpido. Eu aprendi a Língua Portuguesa. Eu aprendi o vocábulo.
8. E eu ficava até admirado com a língua de sinais. Que né?/Que por ela dava/eu tinha a capacidade de aprender, escrever em Língua Portuguesa. Então, neste período, nessa idade:: é... eu só oralizava. E eu não tinha/por exemplo, eu não sabia nada, por que as coisas me explicavam.
9. Aí já com a língua de sinais e... eu aprendi muito rápido. Então, foi uma surpresa pra mim que eu aprendi ali tudo Português, o teatro, a Literatura e diversas coisas, eu ficava admirado e:: com o vocabulário que eu conseguia, por exemplo, no computador digitando Português, bem arrumadinho, bem estruturado. Eu consegui, eu mostrava e as pessoas pensavam que eu era ouvinte. Eles liam meu texto e achavam perfeito, né?
10. Claro! Que era algumas coisas erradas, mas eu tinha uma boa/um bom Português. Então, eu imaginava a língua de sinais, por ela eu aprendi melhor. Então, é... havia interação também, né? Eu ensinava língua de sinais:: e o ouvinte me ensinava Língua Portuguesa e é assim que eu ia aprendendo meu vocabulário linguístico desse foi melhor assim.

Transcrição da intérprete Lúcia

1. Olá! Tudo bem? Eu me chamo... Cleber. Meu sinal. É esse.
2. Eu sou professor de Libras. Agora você me pergunta: Como? O que é Libras?
3. Olha só. Quando eu tinha dois anos até os vinte e seis anos de idade. Nesse tempo. Nesse período. Eu aprendi/eu fui oralizado.

4. Era proibido de sinalizar. Então, eu treinava a oralidade, eu lia bem, escrevia bem.
5. Mas depois a comunidade ouvinte eles nunca me davam exemplo/exemplos, significados das coisas. Eu só memorizava. Gravava as coisas.
6. Então, a partir dos vinte e seis anos de idade até hoje com uns quarenta anos... Eu comecei a frequentar/participar da comunidade surda. E eu observei que os surdos me ajudavam, me ensinavam e aprendia.
7. Ah!:: Aí os professores dentro da universidade. Antes quando eu fiz o vestibular, né? Aí eu cheguei lá, e me deparei com palavras. E/assim eu fui aprendendo os significados das coisas. Da Língua Portuguesa.
8. Então, eu fiquei de queixo caído, admirado, né? Por que aprendendo a Libras dá:: pra aprender a escrever bem a Língua Portuguesa.
9. E antes desse período quando eu era só oralizado, ninguém me explicava, me ajudava a entender os significados das palavras. Mas depois que eu frequentei a comunidade surda. Então, lá eles me explicavam tudo é... é incluindo tudo, a Língua Portuguesa, Literatura, várias coisas.
10. Então, eu tive muita facilidade, também de criar artigos na Língua Portuguesa no computador, eu digitava, daí eu mostrava pro... prus... pra algum ouvinte. Eles liam, e diziam: olha que perfeito a Língua Portuguesa. É claro! Que tinha alguns erros, né? Alguns erros de Português, mas eu escrevia muito bem. Aí eu fiquei pensando, né? Que a Libras é muito melhor. Então, ela me ajuda a me relacionar e quando eu ensino Libras pros ouvintes eles me ensinam Português. Assim a gente faz essa troca.

SEÇÃO III

ANÁLISES TEXTUAIS-DISCURSIVAS DO SINAL PARA VOZ: CONSEQUÊNCIAS PARA SALA DE AULA

3.1 A ANÁLISE DA RETEXTUALIZAÇÃO

Posto na seção II as transcrições passa-se, a acompanhar as análises do *corpus* desta pesquisa.

A ordenação da análise seguirá as categorias: 1) a escolha da pessoa do discurso; 2) a reordenação sintática; 3) as substituições lexicais; 4) as eliminações de léxicos; 5) os acréscimos de léxicos e 6) os efeitos de sentidos.

De uma maneira ilustrativa, apresentam-se exemplos de cada intérprete para depois fazer-se a análise. Os exemplos foram enumerados e sublinhados para melhor compreensão do leitor.

3.1.1 A escolha da pessoa do discurso

A preocupação neste item é com a escolha ou possível alteração da pessoa do discurso entre a primeira e a terceira pessoa no momento de interpretação.

O primeiro aspecto a ser observado são as atitudes da intérprete Frida trazer a interpretação da Libras para Língua Portuguesa utilizando um pronome possessivo do sinal pessoal do professor Cleber. A intérprete apresenta a identidade do relator. No exemplo 01:

(Ex: 01) Olá! Tudo bem? Meu nome é Cleber. Meu sinal:: (FRIDA).

O intérprete Oscar, exemplo 02, incorpora em seu discurso interpretativo o verbo “chamar” e o pronome possessivo na primeira pessoa do discurso apresentando propriedade em relação à sinalização do professor.

(Ex: 02) Oi. Tudo bem? Eu me chamo Cleber e este é meu sinal. (OSCAR).

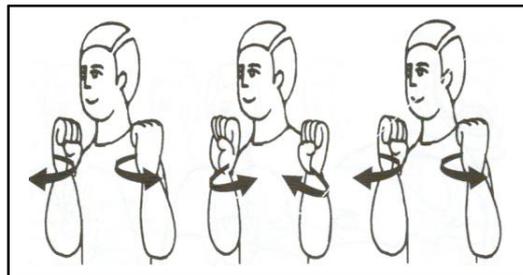
Um ponto a observar é o sinal da pessoa do professor Cleber, pois não há uma maneira específica de expressar o sinal, porque é algo íntimo que identifica o

professor. O sinal de batismo representa o “nome” ou batismo em sinal para o surdo, algo que caracteriza uma pessoa. Para os ouvintes traz a representação de um rito de passagem para a entrada e aceitação na comunidade de surdos.

Em relação ao sinal de batismo do professor Cleber (conforme conversa sinalizada realizada no dia 06/09/2012), este explicou que o sinal “GINÁSTICA”, foi escolhido em virtude do mesmo ter sido campeão de aeróbica, na década de 1990, quando tinha apenas 20 anos de idade, na cidade de Belém. Para Capovilla; Raphael (2001, p. 708) entende-se por ginástica como uma “arte ou ato de exercitar o corpo, para desenvolvê-lo e fortificá-lo”.

Segue o sinal “GINÁSTICA”. Este é o sinal do participante da pesquisa Cleber Couto:

Gravura 1: sinal GINÁSTICA



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 708)

No que diz respeito ao pronome demonstrativo “este” (Exemplo 02), o intérprete Oscar “aponta” para o sinal do professor Cleber que está presente no vídeo, ou seja, o sinal não pertencente a ele. Por isso o uso de dêitico para direcionar o sinal no decorrer da apresentação do professor.

Ressalta-se a marcação de gênero e a utilização da primeira pessoa do discurso “Eu”. O que possivelmente deixa Oscar mais a vontade para interpretação, até mesmo por que o personagem no vídeo pertence ao mesmo gênero que o intérprete.

Nos exemplos 03 e 04, a seguir, as intérpretes Elma e Maria também interpretam usando a primeira pessoa do singular, acrescido dos verbos “Perguntar”, “Ir” e “Aprender”.

(Ex: 03) Aí você me pergunta: o que seria Libras? Bem. Eu vou tentar explicar. (ELMA).

(Ex: 04) Aí já com a língua de sinais e...eu aprendi muito rápido. (MARIA).

A Libras é uma língua que não apresenta conjugação verbal ou marcação de gênero, por isso que a interpretação da língua-fonte para língua-alvo trouxe a conjugação verbal e os gêneros gramaticais.

Já a intérprete Bia, exemplo 05, a seguir, é a única que flutua a interpretação com o uso da primeira e da terceira pessoa do discurso, tornando a interpretação para a língua-alvo, em uma certa aproximação e um certo “distanciamento” da pessoa do professor Cleber. O processo utilizado por ela não se assemelha aos dos demais intérpretes que utilizam apenas a primeira pessoa.

(Ex: 05) Sou professor de Libras. [...] Nesse período ele aprendeu a oralizar.
(BIA).

Dos seis intérpretes participantes desta pesquisa, ocorreu a predominância da primeira pessoa em relação a terceira pessoa (5 para 1), o que sugere que seja preferível a escolha da primeira pessoa em detrimento da terceira. Nos trabalhos pesquisados encontrou-se Albres (2010, p. 298-299) explicitando a respeito do processamento da interpretação de Libras para a Língua Portuguesa:

[...] o intérprete deve estar atento ao objetivo do emissor em Libras. Se o mesmo estiver centralizado no emissor, revelando sua opinião, sua emoção então deve prevalecer a 1ª pessoa do singular, interjeições e exclamações. Mas, se a mensagem estiver centralizada no referente, apresentando informações da realidade, sendo objetivo, direto, usando uma linguagem denotativa, então deve prevalecer o uso da 3ª pessoa do singular.

A escolha da pessoa do discurso, na interpretação de Libras para Língua Portuguesa, parece variar ou depender da pessoa que realiza a interpretação – escolha pessoal – ou da situação, sendo que situações mais formais e institucionalizadas como um julgamento exige a terceira pessoa para indicar o distanciamento entre o réu ou testemunha surdo e o intérprete.

Em todo caso a escolha da primeira ou da terceira pessoa não interfere na interpretação.

3.1.2 A reordenação sintática

Segundo Quadros; Karnopp (2004) na Libras há oito possibilidades de ordenação da frase. A análise será construída a partir dessas oito possibilidades de reordenação sintática.

a) Sujeito-Verbo-Objeto (SVO). Essa é a construção mais comum na Libras (QUADROS; KARNOPP, 2004).

(Ex: 06)

EU DESENVOLVER GRUPO COMUNIDADE OUVINTE (CLEBER).

Eu fui a um grupo de ouvintes, num congresso de ouvintes (ELMA).

No exemplo 06 atenta-se que há em uma sentença três Objetos em que o narrador sinaliza partes de sua história de vida.

b) Objeto-Sujeito-Verbo (OSV) com concordância e Sujeito-Objeto-Verbo (SOV) com concordância. Ocorre quando há verbos de concordância (assistir, perguntar, responder), ou seja, verbos que exigem uma direcionalidade entre as pessoas do discurso.

(Ex: 07)

PERGUNTAR EU (CLEBER).

Me perguntam (FRIDA).

As pessoas me perguntam (BIA).

Bem, perguntaram-me (OSCAR).

Aí você me pergunta (ELMA).

Observa-se que em todas as interpretações, os participantes se apropriam do verbo PERGUNTAR gerando conjugações verbais conforme a necessidade da sentença.

c) Oração subordinada-Sujeito-Verbo-Objeto e Sujeito-Objeto-Verbo: quando ocorrer uma oração subordinada. Não foi encontrado nenhum exemplo na narrativa sinalizada.

d) Advérbio-Sujeito-Verbo-Objeto: os advérbios podem estar antes ou depois do complemento verbal.

(Ex: 08)

PERÍODO EU APRENDER É ORALIZAR PROIBIR LIBRAS PASSAD@ (CLEBER).

Neste período, comecei aprender LIBR/a oralização (FRIDA).

O professor Cleber, no exemplo 08, apresenta a Libras em sua estrutura: adjunto adverbial (PERÍODO), sujeito (EU) verbos (APRENDER É ORALIZAR PROIBIR), objeto (LIBRAS) e adjunto adverbial (PASSAD@). Frida, exemplo 08, reordena sintaticamente a frase de Libras para Língua Portuguesa. Sua estrutura

passa a ser: adjunto adverbial (Neste período), verbos (comecei aprender), objeto (LIBR/a oralização).

e) Topicalização-Sujeito-Verbo. A topicalização é um “Processo pelo qual se coloca em destaque um determinado elemento do enunciado, por ser ele o epicentro da comunicação” (DICIONÁRIOWEB, 2012). Para Trask (2008, p. 295) “[...] o tópico é a parte da sentença ou do enunciado à qual o todo diz respeito”.

(Ex: 09)
SONHAR EU LIBRAS [...] (CLEBER).
 [...] comecei a ter sonhos [...] (FRIDA).

No exemplo 09 o professor Cleber topicalizou o verbo SONHAR. A intérprete Frida não realizou esse processo.

f) Sujeito- Verbo-Objeto-Verbo: ocorre a duplicação do verbo. Exemplo: EU PERDER LIVRO PERDER. “As construções com foco são aquelas que apresentam constituintes duplicados dentro de uma mesma oração”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 152).

(Ex: 10)
EU APRENDER, APRENDER PORTUGUÊS (CLEBER).
eu...comecei a aprender, me convidavam, coisas RÁpidas, eu comecei a aprender RÁpido, Português::. (FRIDA).

A intérprete Frida não faz a duplicação da oração sinalizada pelo professor Cleber.

Considera-se então que a constituição sintática dos verbos tem concordância com o sujeito e com o objeto direto e indireto, porém o que se observa na narrativa sinalizada é a forte presença de verbos o que resulta com um conceito básico existente entre as línguas, pois todas elas variam em suas ordenações sintáticas, ou seja, existem variações na ordem básica das frases.

Outro aspecto a ser observado é a inexistência e a existência de verbos com concordância, ou seja, há nas constituições frasais a presença de verbos direcionais e não direcionais que necessitam de direções no olhar acompanhada de movimentos que se constituem em um tipo de flexão próprio das línguas de sinais.

Entende-se que a mudança sintática não fere o processo interpretativo, é necessário adaptar para a língua-alvo.

3.1.3 Substituições lexicais

As substituições lexicais apresentam-se nos seguintes exemplos abaixo:

(Ex: 11) PARTICIPAR COMUNIDADE SURD@ (CLEBER)

(Ex: 12) Eu comecei a participar de congresso surdo, sempre (FRIDA).

(Ex: 13) Agora eu:: nesse período eu comecei a participar de congressos de surdos (ELMA).

(Ex: 14) Eu comecei a frequentar/participar da comunidade surda. (LÚCIA).

Estas substituições lexicais estão refletidas nas palavras que são interpretadas para a Língua Portuguesa, o que causa grandes transformações em suas definições. A exemplo disso, o sinal “COMUNIDADE” que é interpretado por Frida e Elma com outro sentido, dando a ele a equivalência do sinal “CONGRESSO”.

Capovilla; Raphael (2001) definem o verbete “congresso” como uma reunião formal de profissionais ou estudiosos de uma determinada área de conhecimento, cujo objetivo é discutir uma temática em comum para que possam tomar decisões acerca de um determinado assunto.

Para Ferreira (1999) a “comunidade” se constitui como um grupo social organizado que mantém história, cultura e identidade, um local de origem com seus pares.

No caso dos surdos, pode-se dizer que é uma comunidade linguística que utiliza uma língua visual-gestual (Libras), e que apresentam regras e normas junto as suas condutas linguísticas.

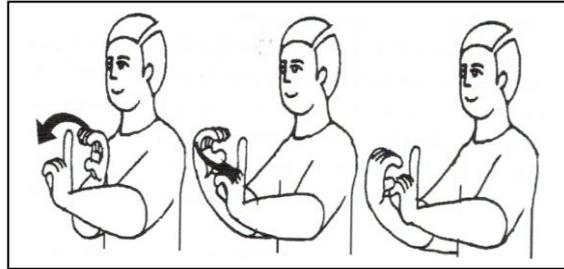
Outro aspecto a ser observado é em relação à variação que o sinal poderia trazer para o processo de interpretação, por que nas pesquisas de Capovilla; Raphael (2001, p. 486) este sinal representa o verbete “culto” que significa “Forma pela qual se presta homenagem à divindade; liturgia. Cerimônias religiosas. Veneração”.

Em relação à variação de Libras em Belém do Pará este sinal apresenta dois usos podendo ser interpretado como “CULTO” (para as igrejas protestantes) ou “COMUNIDADE” e não com o sentido de “CONGRESSO”.

No que diz respeito a acertos e equívocos apenas a intérprete Lúcia realizou a escolha lexical mais aproximada o possível do original trazendo o sinal “COMUNIDADE”.

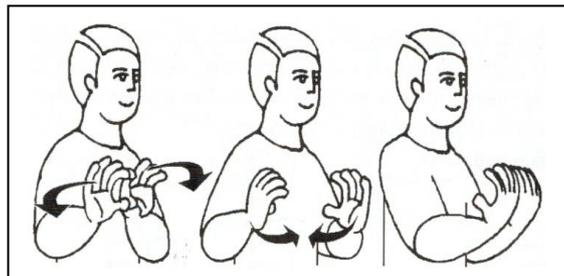
Mediante isso Capovilla; Raphael (2001) ilustram as diferenças existentes nos dois sinais interpretados nos discursos:

Gravura 2: sinal CULTO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 486)

Gravura 3: sinal CONGRESSO



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 449)

Entende-se que as intérpretes Frida e Elma provocaram influencias que alteraram o sentido da sentença durante o processamento de traslado da língua fonte para língua alvo.

3.1.4 Eliminações de léxicos

Seguem-se abaixo os exemplos de eliminações de léxicos:

(Ex: 15) GRUPO LIBRAS AGORA ENSINAR EU <EXPLICAR ++> EU SURPRES@ DENTRO GERAL PORTUGUÊS, TEATRO, LITERATURA COISA (CLEBER).

(Ex: 16) Depois da Libras, comecei a ter muitas explicações, sobre muitas coisas Português, teatro, muitas coisas, eu fiquei admirado (FRIDA).

(Ex: 17) a questão da Libras ele/ é... é... ele... explicava as coisas. Ele consegue entender muito melhor Português, Arte, Literatura, muitas coisas. As pessoas até se assustam (BIA).

(Ex: 18) Então, foi uma surpresa pra mim que eu aprendi ali tudo Português, o teatro, a Literatura e diversas coisas (MARIA).

Notou-se poucas eliminações de léxicos. O exemplo mostra o sinal “GRUPO” não foi interpretado por nenhuma das intérpretes. O procedimento de eliminação não interferiu no sentido.

Outro aspecto a observar é a relação da pessoa do professor Cleber e o enriquecimento de sua educação não escolar representada pelo conhecimento da Arte no Teatro e também na Literatura ambos ocasionados pela influencia de Libras em sua vida. Todas as intérpretes apresentaram preocupação em pontuar essa parte de história de vida do professor Cleber nos processos interpretativos.

Na interpretação que o pesquisador fez o participante surdo quis dizer que dentro de um grupo de surdos ele conseguiu aprender muito mais do que em um grupo de ouvintes. Essa interpretação está posta nos exemplos 16, 17 e 18, confirmando hipótese acima posta.

Um ponto a ser observado é no traslado de Bia (Exemplo 17) no trecho “As pessoas até se assustam”. Pontua-se isto em virtude de apresentar uma possível mudança de ordem da frase da sinalização do professor Cleber: “GRUPO LIBRAS AGORA ENSINAR EU <EXPLICAR ++> EU SURPRES@”. O que pode talvez apresentar um retorno em sua memória interpretativa do discurso proferido por Cleber.

Ressalta-se que a intérprete Maria (Exemplo 18) no processo de interpretação de Libras para Língua Portuguesa omite ou perde escolhas lexicais para equivalências relacionadas ao trecho “GRUPO LIBRAS AGORA ENSINAR EU [...]”, ocasionando um espaço vago em meio à interpretação.

Outra eliminação foi a ênfase <EXPLICAR ++> que apenas posta por Frida “[...] comecei a ter muitas explicações [...]”, utilizando o advérbio “muitas” para indicar essa ênfase do participante surdo.

3.1.5 Acréscimos de léxicos

Marcuschi (2001) explica que os acréscimos são operações ou processamentos de natureza linguística-textual-discursiva.

Do ponto de vista dos estudos realizados de interpretação de Libras para Língua Portuguesa, constatou-se que os acréscimos devem ser de preposições e artigos, classes gramaticais que não existem na Libras. No entanto é possível haver acréscimos de vocábulos desde que, não em quantidade exagerada. “Assim a tradução [interpretação] é discurso, não deve ser situada no plano da língua, mas no plano do ‘contato dos conteúdos com a língua’, portanto no plano discursivo” (TRAVAGLIA, 2003, p. 47).

Os acréscimos estão postos (sublinhados) nos seguintes exemplos abaixo:

(Ex: 19) BEM. EU <B-ENTRE> cl VINTE E SEIS IDADE ATÉ AGORA QUARENTA IDADE AGORA EU <B-PERÍODO> cl (CLEBER).

(Ex: 20) Depois do período de vinte e seis até agora, na idade de quarenta anos, até hoje... (FRIDA).

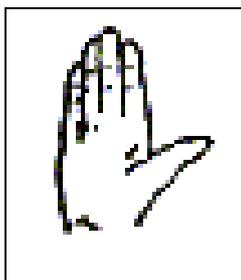
(Ex: 21) Depois no período de vinte e seis anos... até hoje mais ou menos na faixa de quarenta (BIA).

(Ex: 22) Já no período etário de vinte e seis anos até minha idade atual, quarenta anos (OSCAR).

Do ponto de vista quantitativo a intérprete Bia foi a que mais acrescentou vocábulos 10 no total, seguida de Frida e Oscar com 8, grande parte desses acréscimos são preposições, conjunções e artigos. Sabe-se que na Libras há ausências de preposições.

Outro acréscimo observado foi o classificador que existe em algumas línguas orais-auditivas, as línguas orientais (FERREIRA-BRITO, 1995). Neste trabalho se considerará os classificadores como acréscimos, uma vez que não existe uma interpretação similar entre o sinal do classificador “B” e os vocábulos da Língua Portuguesa, ele, o classificador, é muito produtivo na Libras.

O classificador é um morfema “que denota características percebidas ou imputadas da entidade a qual o nome associado se refere” (FERREIRA-BRITO, 1995, p. 102). No caso do sinal <B-ENTRE> cl, exposto por Cleber. Trata-se de um sinal genérico (Mão em “B”) que significa, neste caso, “ENTRE”. Ver gravura abaixo:

Gravura 4: Classificador B

Fonte: Ferreira-Brito (1995, p. 109)

O uso do classificador “B” (exemplo 22) foi interpretado pelo participante Oscar como “período etário” que corresponde a um dado período marcado no tempo da história de vida do professor Cleber.

Oscar apresenta uma linguagem muito rebuscada, talvez em virtude da formação acadêmica que ele traz. Esta análise será retomada no item 3.2.2 sobre as análises discursivas.

O último acréscimo na ação retextualizadora ocorre no exemplo 20. A profissional Frida apresenta hesitações em meio às sentenças, expresso pelas reticências (“[...] na idade de quarenta anos, até hoje...”), talvez por estar processando uma melhor escolha lexical para a organização semântica frasal de Libras para Língua Portuguesa.

Analisando ainda o uso de hesitações: Bia (exemplo 21) apresenta na interpretação a mesma situação de Frida o que também poderia ser considerado uma pausa para uma melhor escolha lexical no traslado de Libras para Língua Portuguesa.

Essas hesitações provocam um “ruído” para o público alvo da interpretação, uma vez que se supõe o desejo de um traslado com dicção “limpa”.

Contextualizando Oustinoff (2011) o traslado realizado de língua-fonte para uma língua-alvo pelos intérpretes pode ser classificado como uma **transposição** ou uma **modulação**. É o que acontece nos exemplos citados anteriormente, ocasionando acréscimos de léxicos.

3.1.6 A análise dos efeitos de sentidos

Interpretar um discurso, seja ele oral, escrito ou sinalizado, pressupõe a reconstrução do que se convencionou chamar de sua formação discursiva, o que implica a reconstrução de sua historicidade, o contexto de produção em que ocorre e os sujeitos envolvidos.

Por formação discursiva, entende-se a relação que certo discurso tem com certa classe social e/ou nível de escolaridade, o que “implica a existência de posições políticas e ideológicas, que não são feitas de indivíduos, mas que se organizam em formações que mantêm entre si relações de antagonismos, de alianças ou de dominações” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 241).

Para Pêcheux; Fuchs (1990, p. 166-167):

[...] as formações ideológicas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é, numa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico.

Considera-se aqui a formação discursiva a partir do nível de escolaridades dos intérpretes. O que cada um intérprete pode dizer e deve dizer relaciona-se portanto com seu nível de escolaridade.

A propósito os intérpretes tem as seguintes escolaridades: Frida esta cursando graduação; Bia possui graduação e especialização; Oscar é doutorando; Elma possui ensino médio; Maria é mestranda e por fim Lúcia é graduada. Essas diversas escolaridades influenciam os discursos proferidos na interpretação.

Como visto anteriormente, esses profissionais, o professor Cleber e os intérpretes de Libras, são oriundos de diversas formações escolares e com trajetórias bastante distintas em relação aos conhecimentos da comunidade surda e de uso de Libras.

Partindo desses fatores, pode-se perceber que isto influencia com muita precisão o processo de traslado de Libras para Língua Portuguesa, principalmente, no que tange as escolhas vocabulares. Nesse sentido, se atenta ao discurso como uma perspectiva das noções chaves entre língua e discurso.

No que tange às variações vocabulares, encontra-se neste campo expressões que partem de uma posição social, situações históricas e resultados de processos

que produzem autorias. Entende-se que o discurso mantém relações com outros discursos e com a memória discursiva que está atrelada a discursos sociais, os **interdiscursos** (FURLANETTO, 2003).

Esses fatores encontram-se nas interpretações de todos os intérpretes participantes deste estudo.

O que influencia as possibilidades de interpretações está relacionado às oportunidades de educação, que possa ter propiciado um melhor acesso em uma educação de qualidade.

A seguir verificar-se-á os efeitos de sentidos que cada intérprete apresenta com sua formação discursiva.

O profissional intérprete de Libras, o professor surdo e o público ouvinte que não sabe Libras estão categorizados nas seguintes análises: o professor surdo é o **enunciador** primordial das sinalizações em Libras; o intérprete de Libras é **enunciatário/enunciador** do discurso proferido pelo professor surdo. Diz-se enunciatário/enunciador, neste trabalho especificamente, em virtude de estar em uma linha intermediária entre a comunidade surda e a comunidade ouvinte e, por fim, o público ouvinte que pode ser considerado como o **interlocutor** do discurso, aquele que “precisa” das interpretações dos profissionais intérpretes.

São nessas realidades que esses profissionais intérpretes encontram-se, no momento de traslado do discurso. São profissionais que em grande parte não estão em geral com uma neutralidade interpretativa, carregam seus níveis de escolaridade, suas histórias de vida, isto é, as experiências de vida profissional como intérpretes que influenciam nos seus trabalhos. Tudo isto pode causar possíveis efeitos que podem ser de ordem negativa ou positiva na ação interpretativa.

Frente isto, Orlandi (2006) aponta que o discurso não pode ser uma ação reprodutora. O discurso deve ser uma atitude de estranhamento, pois há muitos fatos na linguagem que não são explicitados. Quando há um enunciado que pode produzir provisoriamente um ensaio é preferível dizer que o discurso emite constituições abstratas, muitas vezes consideradas como grandes paradigmas no uso da linguagem gerando discussões profundas.

Os intérpretes de Libras que são participantes deste estudo trazem efeitos em seus discursos proferidos que podem gerar múltiplos olhares para um público de ouvintes. A exemplo disto são as falas do Oscar, quando ele interpreta da seguinte maneira de Libras para Língua Portuguesa: “Durante este período a minha

aprendizagem foi pautada na filosofia oralista, a comunicação por meio da Libras, gesto-visual era proibida”.

As reações causadas conforme as análises observadas são de uma pessoa com uma vasta formação intelectual, que para uma plateia de ouvintes pode gerar sensações de uma pessoa arrogante ou de uma pessoa esnobe.

Em relação às intérpretes Frida, Bia, Elma, Maria e Lúcia não apresentam tais situações, talvez por apreciarem uma linguagem mais popular e de fácil raciocínio para um público de ouvintes. Para outros poderá trazer representações de baixa organização vocabular visto que as mesmas também apresentam em seus perfis, possibilidades de terminologias científicas da área da Educação de Surdos e dos estudos relacionados a Libras.

É a partir destas questões que Baronas (2005, p. 11) explica que: “Assim, essa noção deixa o lugar para o sujeito empírico um sujeito ao mesmo tempo ancorado em blocos de realidade e tomado em seus efeitos discursivos transversos”. Neste sentido, os intérpretes de Libras “adquirem” referenciais conforme as posições que exercem, e esses referenciais estão embasados em formações discursivas e ideologias.

Tomando base nisso, entendemos então que os efeitos discursivos produzidos pelos intérpretes de Libras podem partir das identificações consigo mesmos e com o sujeito enunciador. O professor surdo, como fora relatado anteriormente, passa por toda uma trajetória de construção de vida. Compreende-se então que o discurso é uma atitude de interpretação.

Partindo desses comentários, Haroche; Henry; Pêcheux (2007, p. 17) explicitam que a interpretação e os efeitos discursos provocam as seguintes situações:

Ora, se considerarmos, por exemplo, o domínio da política e da produção científica, *constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam.* Consequentemente, quanto a discursos considerados a partir de posições diferentes se colocam verdadeiramente problemas de tradução, de equivalência e de não-equivalência que, ao nosso ver, não podem ser regradados quando ligados a diversos subsistemas da língua.

Entende-se então que os efeitos discursivos são provocados em virtude das modificações que são apresentadas em um texto, ou seja, causam outros sentidos quando se utiliza uma linguagem mais rebuscada.

Mediante isto Pêcheux (2008, p. 56) destaca que:

[...] todo discurso marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos: todo discurso é um índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho (mais ou menos consciente, deliberado, construído ou não, mas de todo modo atravessado pelas determinações inconscientes) de deslocamento no seu espaço: não há identificação plenamente bem sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma 'infelicidade' no sentido performativo do termo – isto é, no caso, por um 'erro de pessoa', isto é, sobre o *outro*, objeto de identificação.

Conforme as considerações do autor o discurso é algo que se faz e se refaz e podem constituir maneiras sócio-históricas. Ou seja, o discurso é uma ação que esta em constante construção, uma visão política e crítica, um efeito de sentido entre locutores e interlocutores.

Partindo deste pressuposto que o discurso é uma ação e que promove identidade, Orlandi (2005, p.15) esclarece que: “O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”. Mediante isto vejamos na próxima página no quadro 3 os possíveis efeitos discursivos emitidos pelos intérpretes de Libras.

Quadro 3: Análises discursivas

Autoria do discurso/ Formação discursiva	Expressões que utiliza	Possíveis efeitos de sentido
Oscar. 37. Especialista e doutorando em Educação Matemática. Possui PROLIBRAS 2010 em interpretação de Libras nível superior.	Então no período etário dos dois anos de idade até os vinte seis anos de idade. Durante este período a minha aprendizagem foi pautada na filosofia oralista, a comunicação por meio da Libras, gesto-visual era proibida.	Quem enuncia é uma pessoa culta de formação acadêmica de alto nível. Conhecedor das filosofias educacionais em relação aos surdos. Um discurso pouco acessível, rebuscado para interlocutores de pouca escolaridade.
Frida. 38 anos. Graduada em Pedagogia. Possui curso livre em Libras. Não possui PROLIBRAS.	Neste período, comecei aprender LIBR/a oralização. Muito...muito rápido LIBRAS no passado.	Possibilita maior compreensão. Insegurança interpretativa.
Bia. 28 anos. Graduada em Fonoaudiologia. Possui especialização <i>lato sensu</i> em Fonoaudiologia Hospitalar. Possui curso técnico em tradução/interpretação em Libras. Não possui PROLIBRAS.	Ele oralizava, ele treinava a oralização, escrevia bem, lia bem. Ele ficava muito envolvido na comunidade de ouvintes e as pessoas não se preocupavam muito em explicar as coisas pra ele. Depois no período de 26 anos até hoje mais ou menos na faixa de 40, ele começou a participar da comunidade de surdos. E os surdos começavam a ensinar as coisas <i>pra</i> ele e ele aprendia melhor, os professores da universidade.	Discurso acessível aos interlocutores. Perpassa preocupação nas relações interpessoais. Pode caracterizar uma pessoa menos formal apesar de sua formação acadêmica.
Elma. 19 anos. Ensino Médio; Intérprete religiosa. Não possui PROLIBRAS.	As coisas muito A MIL. E eu aprendi, aprendi Português, eu fui aprendendo outras coisas.	Caracteriza uma pessoa que utiliza uma linguagem popular. Insegurança interpretativa e dúvidas.
Maria. 54 anos. Especialista em Técnicas de Interpretação de Libras e mestranda em Educação. Não possui PROLIBRAS.	Na comunidade surda é... surda nunca me explicaram nada, né? Né? Só:: assim:: muito truncadamente.	Insegurança interpretativa e dúvidas. Uma compreensão acessível.
Lúcia. 25 anos. Bacharel em Letras/Libras. Possui PROLIBRAS em interpretação de Libras para o Ensino Médio.	Então, eu fiquei de queixo caído, admirado, né?	Linguagem popular acessível. Ausência de vocabulário rebuscado.

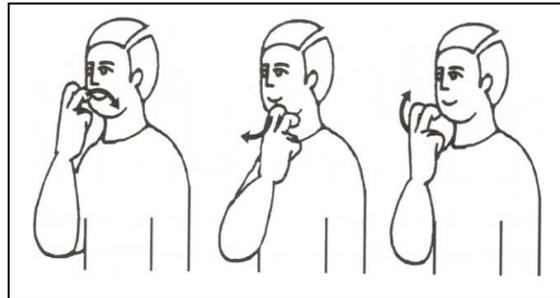
Fonte: Elaboração própria

3.2 O DISCURSO SOBRE ORALISMO

As expressões que são utilizadas pelos profissionais intérpretes de Libras trazem diversas transformações de léxicos para os interlocutores ouvintes que estão

receptivos as interpretações de Libras para Língua Portuguesa oral. Tomaremos como análise o verbo em Libras “ORALIZAR” expresso na gravura 2, abaixo:

Gravura 5: sinal ORALIZAR



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 982)

Nas interpretações esse sinal apresentou distintos sentidos. Entende-se então que para uma análise discursiva do sinal “ORALIZAR”, a escolha lexical mais apropriada seria “oralização” (intérpretes Frida e Bia). Porém a palavra “oralista”, interpretada pelo Oscar traz uma visão de uma pessoa que poderia ou pode ser seguidora do Oralismo que se constitui em um “poder superior” ao uso da língua oral-auditiva em detrimento da língua de sinais, que não seria admitida.

Estas escolhas interpretativas podem também acarretar problemas para os interlocutores que conhece a discussão em torno desse termo.

Para Capovilla; Raphael (2001, p. 982) o Oralismo é:

Filosofia educacional para surdos, que na sua forma mais pura, propõe o ensino somente de técnicas oralistas, como leitura labial, vocalização e aproveitamento dos resíduos auditivos, visando ao desenvolvimento da linguagem oral, desenvolvendo recentemente com investimento com a tecnologia do implante coclear.

A comunidade surda no Brasil observa isto como se fosse uma memória coletiva, uma ideologia, uma filosofia educacional, como aponta Capovilla; Raphael (2001) que passou em branco, algo que “não trouxe” nenhum avanço para o desenvolvimento científico e intelectual dessas pessoas.

Como explica historicamente, Sacks (1998, p. 40) que:

Quando Graham Bell jogou todo peso de sua imensa autoridade e prestígio na defesa do ensino oral para os surdos, a balança finalmente pendeu, e no célebre Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, no qual os próprios professores surdos foram excluídos da votação, o oralismo saiu vencedor e o uso da língua de sinais nas escolas foi

‘oficialmente’ abolido. Os alunos surdos foram proibidos de usar sua própria língua ‘natural’ e, dali por diante forçados a aprender, o melhor que pudessem, a (para eles) ‘artificial’ língua falada. E talvez isso seja condizente como o espírito da época, seu arrogante senso da ciência como poder, de comandar a natureza e nunca se dobrar a ela.

Outra situação em relação ao Oralismo, é que ele foi considerado o melhor método para a educação de pessoas surdas, como aponta Ferrari (1985, p. 41) que: “[...] a opção da comunicação oral considerada fundamental para uma boa integração no mundo dos ouvintes”. Mediante isto o Oralismo ainda perpassa por debates na Educação brasileira como algo salutar que “igualar” ou compara surdos e ouvintes “quebrando” possíveis paradigmas e estereótipos de “anormalidades”.

A intérprete Bia interpreta que a oralização é uma atitude de treinos, e que o professor surdo oralizava mediante esse modelo de educação. Comparando Bia com Frida, a primeira explicita na interpretação o que é oralização como prática, treino do oral, enquanto que a segunda não traz um truncamento entre a proibição e aquisição do oral no período histórico em que o professor surdo esta relatando.

Oscar realiza acréscimos muito claros em relação ao que está sendo sinalizado, principalmente quando é utilizado o termo “GESTO-VISUAL” que designa as características da língua de sinais. O que difere o que havia sido citado anteriormente, quando se utilizou o termo visual-espacial, pois a língua de sinais se apropria do espaço para exercer comunicações entre surdos ou entre surdos e ouvintes.

Compreende-se então que ainda não é claro para uma interpretação de Libras para Língua Portuguesa o uso do verbo “ORALIZAR” em virtude dele trazer significados distintos: Oralismo, Oralizar, Oralizava, Oralização, Oralista. Isto causa grandes confusões de sentidos dentro das próprias comunidades surdas, pois não há um sinal específico para o Oralismo, que especifique alguma diferença com o verbo oralizar e com o adjetivo oral na expressão “língua oral”. Entretanto há uma grande diferença entre oralização e Oralismo.

Outro fator existente nas análises das interpretações de Libras para Língua Portuguesa são as presenças de sinais que podem ser considerados como se fossem “halófrases” sinalizadas. No caso de línguas orais-auditivas as **halófrases** são léxicos que mantêm contextos e designam conceitos mais específicos em significados/sentidos somente no uso intrínseco dentro da língua, caso haja

interpretações e traduções poderá ocorrer formações semânticas aproximadas (RÓNAI, 1987). É o que acontece nos momentos das interpretações como retextualizações do termo Oralismo, que pode ser interpretado como educação oralista, oralização ou oral.

3.3 AS CONSEQUÊNCIAS PARA SALA DE AULA

A profissão de intérprete de língua de sinais no Brasil é considerada como uma prática extremamente técnica que gera consequências para sua atuação, pensa-se que o **intérprete educacional de Libras** deve agir somente como aquele sujeito que traslada as falas da Língua Portuguesa para Libras ou vice-versa. Uma outra posição é que ele é um agente de ensino em sala de aula.

Duas posições estão postas a) aquele que faz serviço técnico de mero traslado e b) aquele que além de traduzir, ensina.

Na primeira posição, está implícita o papel técnico como ocorre em uma palestra. O orador enuncia em uma língua e o intérprete ou tradutor repassa a mesma informação em outra língua, entendendo-se informação como tendo o mesmo sentido. Ocorre que uma palestra não é igual a uma sala de aula.

Pode-se dizer que o intérprete de Libras atua de maneira técnica em situações formais, tais como: julgamentos, conferências e seminários e é considerada como uma ação diferenciada do contexto da sala de aula, no qual há a presença de um conteúdo ministrado por um professor que necessita de cuidados didáticos para que o surdo possa compreendê-lo.

Na segunda posição, o papel do intérprete educacional não é de mero decodificador de informações em sala de aula. Ele está envolvido com a prática educacional junto com o professor. Uma consequência disso é ele ser co-responsável pelo ensino que envolve o conteúdo da prática docente.

Além do mais, compreende-se que a sala de aula não é lugar de transmissões de saberes e sim de construção dialógica entre professor e aluno, mesmo que eles falem em línguas diferentes. Freire (1997, p. 86) define a construção dialógica da seguinte maneira:

O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica*, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos*.

Se considerarmos a dinâmica de sala de aula, acontecem muitas interações e movimentos, diferentes do que acontecem em uma palestra. Sendo assim é inevitável que o aluno surdo vá dar atenção unicamente para o intérprete e depender dele para tudo. Por outro o professor vai se eximir de responsabilidade em tentar se comunicar com o aluno. Tais situações são incongruentes do aprendizado de sala de aula onde todos tem que interagir, o professor tem que se esforçar em aprender a língua do aluno surdo. Os demais alunos tem que ser solidários em aprender a língua do colega surdo.

A permanência da língua de sinais entre o aluno surdo e seu intérprete limita a quantidade de diálogos dentro de uma sala de aula. Nessa redução de possibilidades, o aluno surdo sai insatisfeito com a escola.

Nas análises feitas nesta seção (itens 3.1 e 3.2) observa-se que o intérprete educacional de Libras não deve fazer alterações de sentido, reordenação sintática, eliminação e acréscimos em demasia de vocábulos. Para isso não ocorrer o intérprete deveria conhecer antecipadamente o conteúdo a ser ministrado pelo professor, seu plano de ensino.

A propósito em outros países, o intérprete educacional apresenta outras denominações. Segundo Lacerda (2009, p. 33):

O termo 'intérprete educacional' é usado em muitos países (EUA, Canadá, Austrália, entre outros) para diferenciar o profissional intérprete (em geral) daquele que atua na educação, em sala de aula. Em certos países ainda há a preocupação em diferenciar, de forma mais saliente, a atuação do ILS daquela dos profissionais que atuam no espaço educacional (na Itália, por exemplo, o profissional que atua no espaço escolar não é chamado de intérprete, mas de assistente de comunicação) principalmente porque trata-se de um profissional que deverá versar conteúdos da língua majoritária para a língua de sinais do país e vice-versa, mas que também se envolverá de alguma maneira com as práticas educacionais, constituindo aspectos singulares a sua forma de atuação. Não se trata de ocupar o lugar do professor ou de ter a tarefa de ensinar, mas sua atuação em sala de aula, envolvendo tarefas educativas certamente o levará a práticas diferenciadas, já que o objetivo nesse espaço não é apenas o de traduzir, mas também o de favorecer a aprendizagem por parte do aluno surdo.

A autora propõe que o intérprete educacional de Libras não atua somente como **enunciatório/enunciador** de um discurso proferido por um sujeito, mas aquele que atua conjuntamente em meio ao ensino-aprendizagem da pessoa surda.

Defende-se aqui que o intérprete educacional deve exercer o co-ensino com o professor de sala de aula. No co-ensino o professor especialista, no caso dos alunos surdos em sala de aula, que seja fluente em Libras trabalhará em consonância com professor para o aprendizado de todos os alunos. Ele participa do planejamento, das atividades, da avaliação em colaboração com o professor para que todos os alunos da turma aprendam.

Segundo Mendes (2006, p. 32):

[...] o ensino colaborativo ou co-ensino, é um modelo de prestação de serviço de educação especial na qual um educador comum e um educador especial dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar a instrução de um grupo heterogêneo de estudantes, sendo que esse modelo emergiu como uma alternativa aos modelos de sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais, e especificamente para responder às demandas de práticas de inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais.

Nessa proposta a Libras estaria em sala de aula com todos os alunos. Todos teriam que aprender as duas línguas, a Língua Portuguesa e a Libras. Os dois professores (o intérprete educacional e professor titular) seriam co-responsáveis pela aprendizagem dos alunos.

Para que este papel do intérprete como ensino colaborativo ou co-ensino ocorra é preciso que esse profissional exista em sala de aula.

O que acontece são ausências de acessibilidade linguística nesses ambientes que decorrem na inexistência de intérpretes educacionais de Libras promovendo, como consequência, uma barreira comunicacional de discentes surdos. Segundo as afirmativas de Vieira (2008, p. 113) é “[...] imprescindível a presença de um intérprete para auxiliar no processo de ensino, ou ainda, que o professor da sala de aula comum adquira esse conhecimento”.

Em relação ao Estado do Pará o cargo de intérprete de Libras foi discutido e depois posto em proposta de criação para concursos públicos apenas em 2012 na III Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência, ou seja, até 2012 não existe esse cargo instituído no Estado. (PARÁ, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para fins de apresentação este estudo buscou atentar primordialmente as possíveis retextualizações e o discurso interpretativo no campo da prática da interpretação de Libras para Língua Portuguesa oral. Para isto podemos perceber que a atuação do intérprete educacional é um desafio, pois não há como deduzir qual seria a “melhor” ou a “pior” interpretação. O que se entende é que a interpretação de Libras é uma constante busca para melhor aproximação de fatores linguísticos e extralinguísticos, ambos são questões de difícil mediação para a interpretação de Libras.

Pensa-se então que a interpretação como processo de retextualização é uma ação que requer um dialogo dinâmico para um raciocínio lógico que provoca criatividade para a atuação do profissional intérprete de Libras. Para a obtenção de resultados para esta pesquisa, observou-se que as categorias descritas neste trabalho geraram produtividades e discussões relevantes. Assim, o problema de investigação: “Que procedimentos ou mudanças semântico-lexicais e discursivas ocorrem no processo de retextualização da narrativa filmada em Libras para a voz gravada em Língua Portuguesa?” tem as seguintes respostas:

a) a escolha da pessoa do discurso não influenciou no processo interpretativo. Cinco intérpretes escolheram a primeira pessoa do discurso e apenas um a terceira, talvez a intérprete preferiu trabalhar com um certo distanciamento ou uma certa neutralidade para com o objeto da interpretação;

b) as mudanças sintáticas não feriram o processo interpretativo, é necessário adaptar para língua-alvo, uma vez que a Língua Portuguesa tem uma estrutura sintática, fonética, morfológica, gramatical distinta de Libras. A principal distinção é que a língua de sinais ocorre num espaço à frente do locutor e o canal de recepção é visual. Enquanto as línguas orais são auditivas.

c) as substituições lexicais são elementos que provocaram influências e alterações no sentido da sentença durante o processamento de traslado da língua-fonte para língua-alvo. Este fato sucedeu-se em virtude de duas participantes da pesquisa não atentarem ao sinal “COMUNIDADE” que foi interpretado como “CONGRESSO”, ou seja, houve uma interpretação com outro sentido do sinal.

d) as eliminações de léxicos alteram o processo de interpretação, lembrando que foram poucas encontradas nas interpretações analisadas.

e) os acréscimos de léxicos observados na pesquisa foram em relação ao uso das classes gramaticais inexistentes na Libras. Outro aspecto observado é o uso do classificador “B” que é um morfema-lexical afixado no contexto linguístico de Libras. As operações de acréscimos podem gerar má compreensão do público alvo, sendo responsabilidade do profissional, atuar com menor número de perdas possíveis.

f) os efeitos de sentidos são resultados de disparidades no uso de linguagens populares e rebuscadas durante o traslado de Libras para o discurso interpretado para Língua Portuguesa oral, a exemplo o intérprete Oscar que em seu discurso traz a impressão de uma pessoa culta de formação acadêmica de alto nível.

Esses elementos devem ser equilibrados sem excesso, uma vez que tudo que é exagerado provocam consequências. No caso do processo de interpretação uma má interpretação. Defendeu-se neste trabalho que na ação interpretativa, o profissional não deve apresentar substituições, eliminações, acréscimos e o uso de vocábulos rebuscados em demasia, provocando efeitos de sentidos contrários no processo interpretativo.

Para ação interpretativa é necessária uma visão do contexto geral do que será interpretado. Se tais situações não acontecerem poderá ocorrer má compreensão ao leitor na língua-alvo.

Frente essas considerações, é importante entender que a prática da interpretação como retextualização em meio aos Estudos de Tradução se constitui em forma continuada que é marcada por constantes soluções de problemas. Entende-se “problema” não como “falha” ou “erros”, mas como procuras de léxicos mais equivalentes para tal ação.

Os efeitos de sentido que os intérpretes de Libras geram para os interlocutores, isto é, as falas transcritas promovem uma visão negativa ou positiva do sujeito que emite o discurso interpretado – professor Cleber Couto. Isto perpassa más interpretações nos momentos de traslados de Libras para Língua Portuguesa oral ou possíveis relações de poder, linguagem rebuscada, uso de linguagem popular, insegurança interpretativa entre outros. Todas essas nuances acontecem entre a pessoa que sinaliza e os intérpretes de Libras.

Em seguida estão as escolhas lexicais em virtude de que a Libras é uma língua que ainda não possui um vocábulo tão extenso quanto a Língua Portuguesa ocasionando perdas, ganhos ou omissões no processo de interpretação. Esses traslados podem ser submetidos a possíveis visões subjetivas do sujeito que atua

em tal situação, sendo o “autor/intérprete” da interpretação, podendo entender que os efeitos de sentido é uma extração daquilo que se encontra em outro texto, no caso deste trabalho, um texto sinalizado.

Outros apontamentos estão relacionados ao discurso interpretativo que parte também das ações cotidianas que fazem parte do trabalho do intérprete de Libras, pois ele contribui para tipos de textos e gêneros textuais e também a formação da identidade humana podendo então trazer o seguinte questionamento: toda interpretação de Libras para Língua Portuguesa resulta em um bom entendimento para os interlocutores? Isto depende de alguma forma dos procedimentos de retextualização realizados pelo intérprete.

Cabe ressaltar que esta pesquisa não pretendeu ser uma verdade absoluta em relação à interpretação de Libras e os elementos discursivos. Ela busca abrir novos espaços para futuras investigações no campo da interpretação da língua de sinais, visto que o conhecimento aqui obtido é da ordem da produção e não da revelação, sendo que as identidades dos sujeitos desta pesquisa fazem parte de apropriações de uma história movida por contextos sócio-educacionais e culturais.

A impressão do autor desta dissertação foi bastante transformadora uma vez que o mesmo passou a se preocupar muito mais com a quantidade de acréscimos, eliminações, escolhas de vocábulos e os efeitos de sentidos que a interpretação pode provocar no público.

Ressalta-se que a atitude interpretativa perpassa por cinco fases: a competência interpretativa, os saberes educacionais que cada intérprete apresenta, as análises textuais, as condições de produção e a recepção dos discursos. Essas fases não podem estar separadas, mas são consideradas como processos de comunicação que não podem apresentar oposições. Para Travaglia (2003) a atividade de um traslado de uma língua-fonte para língua-alvo não se restringe em por a língua em um estaque distinto, e de outro lado dos usuários, sujeitos da comunicação e as condições de produção e recepção, isto é, condições de utilização.

Entende-se então que a interpretação como forma de retextualização não é um espaço neutro, isto é, sem perspectiva de referenciais, não é um espaço homogêneo, mas é um espaço dinâmico continuamente modificado e trabalhado.

Mediante isto tais situações são oriundas também das formações discursivas construídas a partir dos mecanismos históricos e suas significações como

profissionais, adquiridas na caminhada como intérpretes de Libras visto que no Brasil esta profissão esta em ascensão e atualmente com os primeiros cursos de graduação e pós-graduação *lato-sensu* que alcançam ou tentam alcançar uma melhor formação para prática profissional das futuras gerações de intérpretes de Libras que virão.

Situações como estas acontecem em virtude da carência educacional que surdos enfrentam no dia-a-dia, pois uma das maiores dificuldades da pessoa surda é a Língua Portuguesa, o que traz para a pessoa do surdo “ausências” para o “crescimento” de um novo vocabulário. Isto promove para o intérprete educacional de Libras uma nova visão, outro (re)texto nos momentos de atuação que possivelmente não pode fugir do sentido do que esta sendo falado provocando consequências para sua atuação em sala de aula, visto que como foi descrito no item 3.3 o intérprete educacional atua em conjunto com o professor titular.

Assim fica em aberto pensamentos para novos desafios que deverão vir nesta investigação e para aqueles profissionais intérpretes que militam na luta pelo reconhecimento e mais notoriedades da profissão. Até mesmo porque como já foi dito desde a introdução desta pesquisa os Estudos de Tradução em Libras são inovadores para a comunidade científica no Brasil. Este trabalho buscou contribuir para que novos pesquisadores deste campo científico possam apontar novos interesses e trazer novos resultados, preservando atitudes de compromisso e profissionalismo em relação à atuação do profissional intérprete educacional de Libras.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Mesclagem de voz e tipos de discursos no processo de interpretação da língua de sinais para português oral. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). **Cadernos de Tradução** / Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Pós-graduação em Estudos da Tradução. — nº 26 (2010). Florianópolis: Pós-graduação em Estudos da Tradução. V 2.

AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fidelidades da tradução**. São Paulo: Unicamp, 1993.

AUBERT, Francis Henrik. INTRODUÇÃO: Conversas com tradutores: diálogos e práticas com a teoria. In: BENEDETTI, Ivone C.; SOBRAL, Adail. **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução/** Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (orgs.) – São Paulo: Parábola Editorial, 2003. – (Série Conversas com; 2).

BAGNO, Marcos. 1961. **Português ou brasileiro?** um convite a pesquisa / Marcos Bagno – 4 Ed.- São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 184p.

BARONAS, Roberto Leiser. Efeito de sentido de pertencimento à análise de discurso. In: **53º Seminário do GEL, na Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR/SP** 28 de julho de 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/sentido/Roberto.pdf>>. Acesso em: 31 out 2011.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS: Escrita das Línguas de Sinais:** proposta teórica e verificação prática. Tese (doutorado em Linguística) Curso de Pós-Graduação em Linguística. Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2008. Disponível em: <www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index.../Mariangela%20Estelita%20.pdf>. Acesso em: 25 jul 2012.

BENEDETTI, Ivone. Prefácio. In: BENEDETTI, Ivone; SOBRAL, Adail. **Conversas com tradutores: balanços e perspectivas da tradução/** Ivone C. Benedetti e Adail Sobral (orgs.) – São Paulo: Parábola Editorial, 2003. – (Série Conversas com; 2).

BRASIL. **Ensino de língua portuguesa para surdos:** caminhos para a prática pedagógica/ Heloisa Maria Moreira Lima Salles... [et al]. – Brasília: MEC, SEESP, 2007. 2 v.:Il. _ (Ensino de Língua Portuguesa para surdos – Volume 1 – 2ª Edição).

BRASIL. **O Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa/** MEC; SEESP, 2007. 2ª Ed.

BRASIL. **Decreto n º 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Disponível em: <<http://www.sentidos.com.br/canais/materia.asp?codpag=10075&codtipo=4&subcat=58&canal=racional>>. Acesso em: 29 mai 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20072010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 18 dez 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume I:** Sinais de A a L/ Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael (editores); [Ilustrações Silvana Marques]. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, Volume II:** Sinais de M a Z/ Fernando César Capovilla, Walkiria Duarte Raphael (editores); [Ilustrações Silvana Marques]. – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** Coordenação da tradução Fabiana Komesu. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Linguística/** [direção e coordenação geral da tradução Izidoro Blikstein]. São Paulo: Cultrix, 2006.

DICIONÁRIOWEB. **Significado de Topicalização.** Disponível em: <<http://www.dicionarioweb.com.br/topicaliza%C3%A7%C3%A3o.html>>. Acesso em: 29 ago 2012.

FELIPE, Tanya Amara. **Libras em contexto:** curso básico, livro do estudante cursista/ Tanya Amara Felipe – Brasília: Programa Nacional de Apóio de Educação de Surdos, MEC; SEESP, 2001.

FERRARI, Alicia. **História de uma criança surda.** São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais/** Lucinda Ferreira-Brito. – Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Secretaria de Educação Especial. **Língua Brasileira de Sinais/** organizado por Lucinda F. Brito *et al.* – Brasília: SEESP, 1997. V. III (Série Atualidades Pedagógicas, nº 4).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Novo Aurélio Século XXI:** o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3. ed. totalmente revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLÔRES, Onici; SILVA, Mozara Rosseto da. **Da oralidade à escrita, uma busca da mediação multicultural e plurilinguística.** Onici Flôres e Mozara Rosseto da Silva. – Canoas: Ed. ULBRA, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**/ Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FURLANETTO, Maria Marta. Análise do discurso e ensino: como a teoria situa a prática. In: **II Semana Integrada das Licenciaturas – UNISUL**. – texto apresentado na mesa redonda “Análise do discurso e ensino de línguas”. setembro de 2003.

GUERINI, Andréia. **Introdução aos Estudos de Tradução**. Universidade Federal de Santa, Florianópolis, Junho de 2008.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-32 – Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Disponível em: <http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 04 nov. 2011.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. **Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de Libras no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará. Área de concentração em Tradução e Ensino/ Aprendizagem de L1 e L2. Fortaleza, 2010.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1975.

JUNTA DE MISSÕES NACIONAIS. **O Clamor do silêncio: Estratégias de Evangelização com Surdos**. out/1991.

KOJIMA, Catarina Kitugi; SEGALA, Ramalho Sueli. **Dicionário de LIBRAS: imagem do pensamento**. Escala: São Paulo, 2000.

LACERDA, Cristina. **Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**/ Cristina B. F Lacerda. – Porto Alegre: Mediação, 2009.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil (1500-2000). In: **DELTA vol.1**. São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**/ Luiz Antônio Marcuschi. São Paulo, Cortez, 2001.

MASUTTI, Maria Lúcia; SANTOS, Silvana Aguiar dos. Intérpretes de Línguas de Sinais: uma política em construção – Capítulo 7. In: QUADROS, Ronice Müller de (org). **Estudos Surdos III**. – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

MENDES, Enicéia Gonçalves. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, Eduardo José. (Org.). *Inclusão e acessibilidade*. Marília: ABPEE, 2006, p. 29-41.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso**: princípios & procedimentos. 6. ed. São Paulo, Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccineli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso/ Eni P. Orlandi. – 4ª edição, 4ª reimpressão – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução**: histórias, teorias e métodos/ Michaël Oustinoff; tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

PARÁ. **III Conferência Estadual dos Direitos da Pessoa com Deficiência**. Belém, Pará de 04 a 06 de setembro de 2012.

PÊCHEUX, Michel ; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAQ, Tony. (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas, Ed da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento/ Michel Pêcheux; Tradução: Eni P. Orlandi-5ª edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2008.

PIRES, Cleidi Lovatto; NOBRE, Maria Alzira. Uma investigação sobre o processo de interpretação em língua de sinais. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs). **A Invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação/ Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre, Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali. **Idéias para ensinar português para alunos surdos**/ Ronice Müller de Quadros, Magali L. P. Schmiedt – Brasília: MEC, SEESP, 2006.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras/LIBRAS na Modalidade a Distância, Florianópolis, 2009.

RODRIGUES, Cristina Carneiro. **Tradução e diferença**/ Cristina Carneiro. – São Paulo: Editora UNESP, 2000. – (Coleção Prismas/ PROPP).

RÓNAI, Paulo. **Escolas de tradutores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

SACKS, Oliver. 1933. **Vendo Vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos/ Oliver Sacks. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Ozivan Perdigão. **Evangelização inclusiva em instituições cristãs: o uso de Libras/** Ozivan Perdigão Santos. – Belém, 2006.

SANTOS, Ozivan Perdigão. **A Libras e a educação de surdos no contexto regional e o sociolinguísmo** / Ozivan Perdigão Santos. – Belém, 2010.

SANTOS, Ozivan Perdigão. **Tradução comentada em Língua Brasileira de Sinais: análises tradutórias em Reis (2007) e Masutti; Santos (2008).** Curso de Bacharelado em Letras/Libras, UFSC, Florianópolis, 2012.

SEGALA, Rimar Ramalho. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. UFSC – Campus Trindade, 2010.

SILVA, César de Augusto de Assis. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos.** Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social/Universidade de São Paulo – USP. Orientação: José Guilherme Cantor Magnani, São Paulo, 2010.

SILVA, Fábio Irineu da. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: Signwriting.** Florianópolis, 2009. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade Federal de Santa Catarina.

SOCIEDADE BÍBLICA TORRE DE VIGIA DE BÍBLIAS E TRATADOS. **Linguagem de Sinais.** Sociedade Bíblica Torre de Vigia de Bíblias e Tratados Ed. Cesário Lange-SP,1992.

SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras-LIBRAS.** Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução. UFSC, Santa Catarina, 2010.

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais I.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. Sistema SignWriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (orgs). **A Invenção da surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação/** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

TRASK. Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística/** R. L. Trask; tradução Rodolfo Ilari; revisão técnica Ingedore Villaça Koch, Thaís Cristófaros Silva. 2. ed – São Paulo: Contexto, 2008.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução e retextualização: a tradução numa perspectiva textual/** Neuza Gonçalves Travaglia. – Uberlândia: EDUFU, 2003.

VASCONCELOS, Maria Lúcia; BARTHOLAMEI JUNIOR, Lautenai. **Estudos de Tradução I.** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

VIEIRA, Francileide Batista de Almeida. **O aluno surdo em classe regular: concepções e práticas dos professores/** Francileide Batista de Almeida Vieira. – Natal, 2008.

APÊNDICE



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Intérprete de Libras

Você está sendo convidado a participar da pesquisa com o título: **Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização**, dando apoio ao plano de trabalho de OZIVAN PERDIGÃO SANTOS, matrícula nº 20107501002, aluno do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação - CCSE/UEPA.

Sua participação é totalmente voluntária e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sem nenhum prejuízo em relação ao projeto.

As ações que constituirão esta pesquisa são:

a) realizar filmagem de uma pessoa surda que contará partes de sua história de vida que esta relacionada aos seus primeiros contatos com a comunidade surda e com a língua de sinais; e

b) realizar a interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a Língua Portuguesa oral por meio de filmagem e gravação em áudio das falas dos intérpretes quando os mesmos estiverem realizando a referida ação. Serão pelo menos seis intérpretes para realizar este trabalho.

O objetivo é analisar um vídeo de uma narrativa em Libras e a sua interpretação em Língua Portuguesa oral, propiciando reflexões acerca das definições teóricas sobre o ato de traduzir e interpretar a composição de um texto. No que tange ao instrumento, sistematização e análise do *corpus* coletado, será utilizado a Análise do Discurso, cujo objetivo é analisar os discursos proferidos pelos intérpretes nos momentos de atuação.

Esta filmagem será base para uma análise do processo de retextualização, ou seja, operações que realizadas que interferem na estrutura da língua e possivelmente nos sentidos que se almeja alcançar, que ocorrem de uma língua visual-espacial para uma língua oral-auditiva

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consiste autorizar o uso de sua imagem para a análise linguística e para apresentação na defesa da dissertação, quando pronta, e em apresentações acadêmicas em Congressos e eventos do gênero. Este uso não poderá ocorrer em quaisquer propagandas institucionais.

Seu nome será codificado para não identificá-lo.

Você fica ciente que a gravação em áudio será usada apenas academicamente. Você receberá cópia desta gravação, juntamente com a sua transcrição, e poderá neste momento desautorizar o uso para a pesquisa.

Sua desautorização ou recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição, a Universidade do Estado do Pará.

Os riscos relacionados com sua participação são de ser avaliado algum equívoco de interpretação (acréscimo, omissão, atribuição de outro significado a um termo). Sabe-se que o intérprete está sujeito a esses “equívocos”, fazendo parte da ação profissional, o que não acarreta desprestígio.

Os benefícios relacionados com a sua participação são de conhecer melhor o papel do intérprete de relacionar com análises mais amplas o processo de interpretação da Libras para a Língua Portuguesa.

A duração da pesquisa é até junho de 2012.

Você receberá cópia deste termo de consentimento no qual constam os contatos e endereço pessoal e institucional do pesquisador e dos orientadores desta pesquisa, além do endereço do comitê de ética, caso tenha alguma reclamação ou dúvida sobre este trabalho. Você pode entrar em contato a qualquer momento com o pesquisador para tirar dúvidas sobre sua pesquisa e até desautorizar o uso de sua voz. Ciente de que todo este termo foi explicado, não existindo mais dúvidas.

Ozivan Perdigão Santos – bolsista da CAPES
RG: 4663367

Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes
Orientador
RG: 2691571

Dr. Maria do Perpetuo Socorro da Silva
Orientadora
RG: 1621559

Endereço do comitê de ética:

Universidade do Estado do Pará – UEPA – Campus III, sito Av. João Paulo II, 817 entre travessa Vileta e Mariz e Barros-Bairro: Marco – CEP: 66095-490.

Tel: (91) 3246-1153

Endereço da UEPA/CCSE

Universidade do Estado do Pará – Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE – Campus I Travessa Djalma Dutra, s/n – CEP: 66113-010. Telefone: (91) 4009-9542/ Fax: (91) 40099562.

E-mail: gabccse@uepa.br

Endereço dos pesquisadores:

Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Av. Almirante Barroso, 1936 BL B, apt, 601- Bairro: Marco CEP: 66093-020

Tel: 9115-0986. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

Dr. Maria do Perpetuo Socorro da Silva

Endereço: Travessa Tupinambás, 1163 – Ap. 702 – Bairro: Batista Campos.

CEP: 66095-815. Tel: 8262-0263. E-mail:cardoso_socorro@yahoo.com.br

Prof. Esp. Ozivan Perdigão Santos

Av. Perimetral, 1616 BL1, apt, 106 - Bairro: Marco CEP: 66095-780

Tel: 8810-2217/8321-2567. E-mail: ozivan_santos@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos desta pesquisa e os termos de minha participação e concordo em participar das formas discriminadas acima.

Assinatura da pessoa participante da pesquisa

RG: _____

Belém, _____ de _____ de 2012.



GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Professor surdo

Você está sendo convidado a participar da pesquisa com o título: **Sinalizações de um professor surdo: a interpretação de Libras como processo de retextualização**, dando apoio ao plano de trabalho de OZIVAN PERDIGÃO SANTOS, matrícula nº 20107501002, aluno do curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação - CCSE/UEPA.

Sua participação é totalmente voluntária e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sem nenhum prejuízo à relação com o projeto.

As ações que constituirão esta pesquisa são:

a) realizar filmagem de duas pessoas surdas que contará partes de sua história de vida que esta relacionada aos seus primeiros contatos com a comunidade surda e com a língua de sinais; e

b) realizar a interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para a Língua Portuguesa oral por meio de filmagem e gravação em áudio das falas dos intérpretes quando os mesmos estiverem realizando a referida ação. Serão pelo menos seis intérpretes para realizar este trabalho.

O objetivo é analisar um vídeo de uma narrativa em Libras e a sua interpretação em Língua Portuguesa oral, propiciando reflexões acerca das definições teóricas sobre o ato de traduzir e interpretar a composição de um texto. No que tange ao instrumento, sistematização e análise do *corpus* coletado, será utilizado a Análise do Discurso, cujo objetivo é analisar os discursos proferidos pelos intérpretes nos momentos de atuação.

Esta filmagem será base para uma análise do processo de retextualização, ou seja, operações que realizadas que interferem na estrutura da língua e possivelmente nos sentidos que se almeja alcançar, que ocorrem de uma língua visual-espacial para uma língua oral-auditiva

Sua participação nesta pesquisa é voluntária e consiste em autorizar o uso de sua imagem para a análise linguística e para apresentação na defesa da dissertação, quando pronta, e em apresentações acadêmicas em Congressos e eventos do gênero. Este uso não poderá ocorrer em quaisquer propagandas institucionais.

Seu nome como não envolve nenhuma informação confidencial ou que cause constrangimento pessoal, familiar ou social será divulgado, assim como a imagem produzida na filmagem.

Você fica ciente que o uso da filmagem será usado apenas academicamente. Você receberá cópia desta filmagem, juntamente com a sua transcrição, e poderá neste momento desautorizar o uso para a pesquisa.

Sua desautorização ou recusa em participar não trará nenhum prejuízo em sua relação com os pesquisadores ou com a instituição, a Universidade do Estado do Pará.

Os riscos relacionados com sua participação são de ter momentos de sua vida explicitada para o entrevistador.

Os benefícios relacionados com a sua participação são de conhecer melhor o papel do intérprete, de relacionar com análises mais amplas o processo de interpretação da Libras para a Língua Portuguesa.

A duração deste projeto de pesquisa é até junho de 2012.

Você receberá cópia deste termo de consentimento no qual constam os contatos e endereço pessoal e institucional do pesquisador e dos orientadores desta pesquisa, além do endereço do comitê de ética, caso tenha alguma reclamação ou dúvida sobre este trabalho. Você pode entrar em contato a qualquer momento com o pesquisador para tirar dúvidas sobre sua pesquisa e até desautorizar o uso de sua imagem. Ciente de que todo este termo foi interpretado para Libras, sendo explicado, e não mais existindo dúvidas.

Ozivan Perdigão Santos – bolsista da CAPES
RG: 4663367

Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes
Orientador
RG: 2691571

Dr. Maria do Perpetuo Socorro da Silva
Orientadora
RG: 1621559

Endereço do comitê de ética:

Universidade do Estado do Pará – UEPA – Campus III, sito Av. João Paulo II, 817
entre travessa Vileta e Mariz e Barros-Bairro: Marco – CEP: 66095-490

Tel: (91) 3246-1153

Endereço da UEPA/CCSE

Universidade do Estado do Pará – Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE
– Campus I Travessa Djalma Dutra, s/n – CEP: 66113-010. Telefone: (91) 4009-
9542/ Fax: (91) 40099562.

E-mail: gabccse@uepa.br

Endereço dos pesquisadores:

Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes

Av. Almirante Barroso, 1936 BL B, apt, 601- Bairro: Marco CEP: 66093-020

Tel: 9115-0986. E-mail: anchieta2005@yahoo.com.br

Dr. Maria do Perpetuo Socorro da Silva

Endereço: Travessa Tupinambas, 1163 – Ap. 702 – Bairro: Batista Campos.

CEP: 66095-815. Tel: 8262-0263. E-mail:cardoso_socorro@yahoo.com.br

Prof. Esp. Ozivan Perdigão Santos

Av. Perimetral, 1616 BL1, apt, 106 - Bairro: Marco CEP: 66095-780

Tel: 8810-2217/8321-2567. E-mail: ozivan_santos@yahoo.com.br

Declaro que entendi os objetivos desta pesquisa e os termos de minha
participação e concordo em participar das formas discriminadas acima.

Assinatura da pessoa participante da pesquisa

RG:_____

Belém, _____ de _____ de 2012.

ANEXO



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Curso de Educação Física
Núcleo de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação
COMITÊ DE ÉTICA

TÍTULO DO PROJETO

**DA LIBRAS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA ORAL: A
INTERPRETAÇÃO COMO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO”**

Folha de Rosto: 468931

CAAE: 0037.0.412.000-11

D E C L A R A Ç Ã O

Declaro para os devidos fins de direito que **OZIVAN PERDIGÃO SANTOS**, efetuou a entrega de seu projeto de pesquisa no Comitê de Ética em Pesquisa do Campus III, e após verificar que todas as pendências solicitadas foram sanadas, considera-se o protocolo de Projeto **APROVADO**.

Belém, 09 de abril de 2012.

Prof. Ms. Divaldo Martins de Souza
Coordenador do CEP/UEPA/CEDF

Prof. Ms. Divaldo Martins de Souza
Coordenador do CEP/UEPA/CEDF

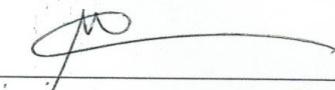


GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de autorização junto ao Comitê de Ética na pesquisa que os docentes Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes e Dr. Maria do Perpétuo Socorro da Silva, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEPA/CCSE) deste centro, juntamente com o discente Ozivan Perdigão Santos, número de matrícula nº 20107501002, estarão realizando uma pesquisa de campo com o tema: **Da Libras para a Língua Portuguesa oral: a interpretação como processo de retextualização**, com dois professores surdos e dois intérpretes de Libras vinculados ao curso de graduação Letras/Libras desta IES. Este centro tem conhecimento desta pesquisa de mestrado e autoriza que o referido aluno, junto com os docentes, realizem a pesquisa.

Belém, 05 de outubro de 2011



Prof.^a Ms. Maria José de Souza Cravo
Diretora do Centro de
Ciências Sociais e Educação
CCSE/UEPA



COMUNHÃO

COMUNIDADE CRISTÃ DE BELÉM

Um lugar de encontro com Deus

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de autorização junto ao Comitê de Ética na pesquisa que os docentes Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes e Dr. Maria do Perpétuo Socorro da Silva, ambos vinculados ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED/UEPA/CCSE), juntamente com o mestrando Ozivan Perdigão Santos, número de matrícula nº 20107501002, estarão realizando uma pesquisa de campo com o tema: Da Libras para a Língua Portuguesa oral: a interpretação como processo de retextualização, com dois intérpretes vinculados a esta instituição religiosa. A Comunidade Cristã de Belém – CCB tem conhecimento desta pesquisa de mestrado e autoriza que o referido aluno, junto com os docentes, realizem a pesquisa.

Belém, 05 de outubro de 2011

34.905.331/0001-92

Atenciosamente,

COMUNIDADE CRISTÃ DE BELÉM

Trav. Enéas Pinheiro, 2370

Marco - CEP: 66095-100

Belém - PA

Rosemeire Fernandes

Pra. Rosemeire Fernandes

Administrativo

Tv. Drº Enéas Pinheiro, 2370 - Marco - Belém/PA
Fones: (91) 3277-1716 | 3276-2336
Email: comunidadecristadebelem@gmail.com
CNPJ 34.905.331/0001-92



Instituto de Formação
em Educação Inclusiva
Cursos e serviços

IFEI

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins de autorização junto ao Comitê de Ética na pesquisa que os docentes Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes e Dr. Maria do Perpetuo Socorro da Silva ambos vinculados ao Programa de Posgraduação em Educação (PPGED/UEPA/CCSE), juntamente com o mestrando Ozivan Perdigão Santos, número de matrícula n° 20107501002 estão realizando pesquisa de campo com o tema **Da Libras para a Língua Portuguesa oral: a interpretação como processo de retextualização**, com dois intérpretes vinculados a esta instituição. O IFEI tem conhecimento desta pesquisa de mestrado e autoriza que o referido aluno, junto com os docentes, realizem a pesquisa com dois profissionais intérpretes que são membros desta instituição.

Belém, 05 de outubro de 2011



Silvio Santiago Vieira
Coordenador
IFEI



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra, s/n – Telégrafo
CEP: 66113-200 Belém-PA
www.uepa.br/mestradoeducacao